



C. Ribeiro de Lessa

VOCABULÁRIO DE CAÇA

contendo

OS TERMOS CLÁSSICOS PORTUGUESES DE CINEGÉTICA GERAL,
OS RELATIVOS À FALCOARIA, E OS VOCÁBULOS E EXPRESSÕES
DE USO PECULIAR AO BRASIL

951
B823
v 239

★

1944

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Bahia — Pará — Porto Alegre

50-1125

W-2 mt 202218

cod base m: 356885-10

ÍNDICE

Prefácio	7
Bibliografia cinegética brasileira.....	10
Abreviaturas	17
Vocabulário	22
Antologia (Nota prévia).....	129
Caçada no litoral do Sul.....	131
Processos de caça dos índios.....	133
“Viração” no Tocantins.....	135
Perseguindo emas nos campos.....	138
Caça aos veados em Vila do Príncipe.....	141
Caça de tocaia.....	144
Caçadas no sertão.....	145
Passeio e caçada na lagoa Juparanan.....	147
Pery e a onça.....	151
Uma caçada imperial.....	155
Historias de caçador.....	157
Caçada nos arredores de Juiz de Féra.....	161
Continuação da caçada.....	163
Episodio do tamanduá.....	172
Uma caçada de anta: O caso do Chico Leite.....	174
Na Céva.....	176
Caça de banhado em Mato-Grosso.....	180
Excursão cinegética no Pantanal.....	183
Proteção á caça.....	191
Caçada na Lagoa da Saudade.....	195
Caçadores de capivara.....	198
Caçadas em canoa.....	200

PREFACIO

Apreciador que sou do desporto da caça, e sôfrego devorador da literatura cinegética, lembrei-me, por desfastio, de colecionar todos os têrmos, modismos, e expressões a respeito dessa arte, que ia encontrando no decorrer de leituras, ou ouvindo em conversa com caçadores naturais de todos os quadrantes do nosso território. Achei-me, assim, em breve, de posse de material sufficientemente avultado para sugerir-me a idéia de escrever um glossário de têrmos e expressões da língua portugûesa relativos à arte venatória, e de uso corrente entre os Nemrods do Brasil. Para torná-lo tão completo quanto possível, reduzi também a verbetes: 1.º, o conteúdo dos resumidos vocabulários apensos às obras de Varnhagen,

Paula Sousa, Henriquê Silva, e Oliveira e Silva; 2.º, a terminologia relativa à falcoaria, que, na nossa língua, pelo que me consta, se resume na inserta no livro de Diogo Fernandes Ferreira; por último, muitos têrmos e expressões pouco conhecidos no Brasil, e de uso exclusivo, ao que parece, dos portuguezes, hauridos no manuseio da literatura dalém-mar.

O presente esbôço de vocabulário, não obstante muito lacunoso, e contendo, quiçá, uma ou outra definição menos precisa, não se limita, todavia, a mera resenha de nomes com finalidade filológica, pois êsse não foi meu intuito ao coligi-lo; a propósito dos significados, procuro, sempre que o têrmo a isso se presta, expor abreviadamente processos de caça indígenas, ou inserir observações e reminiscências que, de um modo ou outro, se prendam à matéria. Constitui, pois, o opúsculo ora apresentado um em brião de enciclopédia venatória (do Brasil,

em particular), em ordem alfabética, e para cujo desenvolvimento e correção solicito e espero a ajuda de todos os cultores da brasilidade, aos quais antecipadamente agradeço as contribuições que me enviarem, e que serão devidamente aproveitadas em futuras edições,

C. R. de L.

BIBLIOGRAFIA CINEGÉTICA BRASILEIRA

A literatura brasileira é muito pobre em trabalhos especiais nesse ramo, muito embora nas obras dos viajantes que percorreram nosso território se encontrem a niudadas vêzes narrados interessantes episódios em que se vêem postas à prova, na luta contra a fôrça, a ferocidade, e a agilidade dos animais selvagens, a coragem, a paciência, a destreza e a astúcia dos brasileiros do interior. Os jornais também, de vez em quando, dão inserção a artigos sôbre caçadas e espetaculosas reportagens sôbre expedições venatórias ao nosso *hinterland*.

Não me consta que existam, porém, sob a forma de livro, escritos por compatriotas nossos, sôbre caça e assuntos correlatos.

outras obras além das que a seguir menciono, tôdas por mim lidas com atenção:

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN. *A Caça no Brasil, ou Manual do Caçador em tôda a América Tropical*, acompanhado de um glossário dos têrmos usuais de caça por um brasileiro devoto de Santo Huberto. Rio de Janeiro. Em casa de E. & H. Laemmert, Rua da Quitanda, 77, 1860.

1 vol. in-8.º de VIII e 138 págs.

Reeditado pelo conde Amadeu A. Barbiellini em São Paulo, 1914, na *Biblioteca Agrícola Popular Brasileira*, em um folheto de 50 págs., sob o título resumido de *A Caça no Brasil ou Manual do Caçador, por Varnhagen*. É o n.º 3 da coleção. Foram suprimidas a dedicatória ao Barão de Pôrto Alegre, o prólogo, o glossário, e vários trechos do texto.

JOAQUIM DE PAULA SOUSA. *Escola de Caça ou Monteria Paulista*. por J. P. S., Rio

de Janeiro. Tipografia Perseverança. Rua do Hospício, 99. 1863.

1 vol. in-4.º de 94 págs.

Henrique Silva refere-se a um *Tratado de Caça, Rio de Janeiro, 1860*, da autoria de Paula Sousa. Tal *Tratado* não existe, pois que, no cap. I., pág. 3, da obra supra, o autor menciona o opúsculo de Varnhagen como sendo a única obra de brasileiro escrita sôbre o assunto anteriormente à sua. Devido à extrema raridade da *Escola de Caça*, é ela muito pouco conhecida, e certamente o caçador goiano jamais lhe pôs os olhos em cima, alterando o nome de uma obra que só conhecia de referência. Seu erro foi repetido *in-fide* pelo editor do *Manual do Caçador* e, recentemente, pelo Sr. F. Buys, que inútilmente tentou adquirir o livro de Paula Sousa

HENRIQUE SILVA. *A Caça no Brasil Central*. Prólogo do general Couto de Magalhães. Domingos de Magalhães, editor. Oficinas da Livraria Moderna. Rua do Lavradio, 126, Rio de Janeiro.

1 vol. in-8.º de 188, 2 págs.

DO MESMO AUTOR: *Caças e Caçadas no Brasil*, com um prólogo pelo general Couto de Magalhães, e glossário de uso dos caçadores. H. Garnier, livreiro-editor. (s. 1. n. d.).

1 vol. in-8.º fr. de 263, 4 págs.

É a obra anterior retocada, ilustrada e acrescentada com o glossário. Embora não traga data no frontispício nem alhures, deve ser edição posterior a 1906, pois dêste ano é a impressão do último fascículo do "Atlas" aquarelado por E. Lohse para ilustrar a monografia de Emilio Goeldi intitulada *Aves do Brasil*, donde o autor confessa haver extraído estampas para a iconografia do seu trabalho.

EUGÊNIO GEORGE. *As Caçadas, o que elas exprimem moralmente*. Trabalho publicado por iniciativa da "Sociedade Protetora dos Animais". 1912. Cattaneo & Borsetti, Rua 13 de Maio, 43, Rio de Janeiro.

1 folh. de 16 págs. ilustrado.

É, como se depreende facilmente do título, uma diatribe contra a caça.

HEITOR PEREIRA DA CUNHA. *Viagens e Caçadas em Mato Grosso pelo Com.^{te} Três semanas em companhia de T. Roosevelt*. 1918. Tip. Revista dos Tribunais. Carmo, 55, Rio de Janeiro.

1 vol. in-8.º de 4 págs. prels. 261, e 2 págs. inms. Com muitas fotozincografias.

Teve 2.ª edição em 1919. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves. 8.º de 229, e 2 págs. inms., e 3.ª, 1922, pelo mesmo editor.

ALBERTO DE CARVALHO. *Manual do Caçador ou Caçador Brasileiro*. São Paulo, 1924.

1 vol. in-16.º grande de 8 pags. inms., 164, 6 inms. e 1 de errata.

BENTO ARRUDA. *Por Campos e Matas (Caça, Caçadas e Caçadores)*. Cia. Gráfico-Editôra Monteiro Lobato. Praça da Sé, 34, São Paulo, 1925.

1 vol. in-8.º, de 6 págs. inms. IV, 438, e 4 págs. inms.

BERNARDO JOSÉ DE CASTRO. *O Tiro ao Vôo (Estudo Teórico e Prático)*. 1925.

1 vol. in-8.º de 6 inms, IV, 7 a 438, 4 inms. págs.

C. F. BUYS. *Armas e Munições de Caça*, com um estudo sôbre *Aspectos Sociológicos da Caça* por Edgar Luís Schneider. Edição da Livraria do Globo. Barcelos. Bertaso & Cia., Pôrto Alegre. Filiais: Santa Maria e Pelotas, 1934.

1 vol. in-8.º de 294 págs.

EURICO SANTOS. *Manual do Amador de Cães*. Origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento, etc. por. Desenhos de Plínio Alves, 2.ª edição revista e ampliada. F. Briguiet & C. Editôra. Rua São José n.º 38, Rio, 1935.

1 vol. in-8.º, de 508, 4 págs.
inms.

ERNESTO VINHAIS. *Feras do Pantanal*. Aventuras de um repórter em Mato Grosso, 1936, Rio de Janeiro.

1 vol. in-8.º de 190, e 2 págs.
inms.

CAÇA E PESCA, revista mensal publicada em São Paulo e propriedade de *Caça e Pesca Editora Ltda.* O 1.º número saiu em Junho de 1941.

ABREVIATURAS

Os algarismos romanos, em seguida às iniciais, indicam o volume; os arábicos, a página.

B. A. — BENTO ARRUDA. *Por Campos e Matas. (Caças, Caçadas e Caçadores.)* São Paulo, 1925.

Bras. — Brasileirismo.

C. A. — F. J. CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.* Lisboa, 1881.

C. M., V. — General COUTO DE MAGALHÃES. *Viagem ao Araguaia,* 3.^a edição, São Paulo, 1934.

Cin. — Cinegética.

D. F. F. — DIOGO FERNANDES FERREIRA. *Arte da Caça da Allanaria*, 2.^a edição, Lisboa, 1899.

E. S. — EURICO SANTOS. *Manual do Amador de Cães*; Origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação; habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento, etc. 2.^a edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro, 1935.

E. V. — ERNESTO VINHAIS. *Féras do Pantanal*. Aventuras de um repórter em Mato Grosso. Rio de Janeiro, 1936.

Exp. — Expressão.

Falc. -- Falcoaria.

- H. G. — FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN. *História Geral do Brasil*. 1.^a edição — 1854-57.
- H. S., C. B. C. — HENRIQUE SILVA. *A Caça no Brasil Central*. Rio de Janeiro, 1898.
- H. S., C. C. — HENRIQUE SILVA. *Caças e Caçadas no Brasil* — Com glossário. Editor Garnier (s. d.).
- J. P. S. — JOAQUIM DE PAULA SOUSA. *Escola de Caça ou Montaria Paulista*, Rio de Janeiro, 1863, com um glossário.
- J. R. — JOSÉ FRANCISCO e JOÃO RODRIGUES. *Espingarda Perfeita*..
..... Lisboa, 1718..
- J. V. — JOSÉ VERÍSSIMO. *A Pesca na Amazônia*. Livraria Clássica de Alves & Cia., 1895.

- M. — ANTÔNIO DE MORAIS SILVA. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1823, 3.^a ed.
- O. S. — A. A. P. D'OLIVEIRA E SILVA. *A Arte do Tiro*, para militares e caçadores, seguida do vocabulário dos termos antigos e modernos de guerra, caça e pesca. Pôrto — 1896.
- P. C. — HEITOR PEREIRA DA CUNHA. *Viagens e Caçadas em Mato Grosso*, Rio de Janeiro, 1919.
- R. M. — RAIMUNDO DE MORAIS. *Meu Dicionário das coisas da Amazônia*. Rio de Janeiro, 1931.
- R. S. — HERMANO RIBEIRO DA SILVA. *Nos Sertões do Araguaia*. São Paulo, 1935.
- T. — Termo.

V. — FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN. *A Caça no Brasil ou Manual do Caçador em tôda a América Tropical*, acompanhado de um glossário dos termos usuais de caça por um brasileiro devoto de Santo Huberto. Rio de Janeiro — 1860.

Z. A. — ZACARIAS D'AÇA. *Caçadas Portugêsas*. Lisboa, 1898.

N. B. Os termos precedidos do asterisco (*) não figuram nos glossários que acompanham as obras de Varnhagen, Paula Sousa, Henrique Silva e Oliveira e Silva.

VOCABULARIO

A

ABOCAR. Pegar. Filar. Agarrar com os dentes.

ABOIZ. “Armadilha de caçar coelhos e aves; é uma vara fincada no chão, e na outra ponta tem um laço de corda; dobra-se a vara, e assenta-se a laçada sôbre o buraco com a isca ou ceva coberta de uma varinha, que desarma a aboiz, pisando a ave, ou coelho na varinha, ou metendo o pescoço para comer (M.)”

AÇAMO. Focinheira que se aplica aos cães e furões de caça para que não *fillem*.

AÇOR. Ave de rapina amestrada pelos antigos portugêses e espanhóis na caça de pombas, perdizes e lebres. A perdiz era a sua *ralé* predileta. Treinavam-nos também para a caça das garças.

“São os Açôres no talho e feição mui semelhantes aos Gaviões, ainda que maiores de corpo, em cuja grandeza excedem a tôdas aquelas aves que de rapina se sustentam (deixando à parte a águia) que esta a tôdas se avanta na grandeza (D.F.F., I, 53).”

Há também rapaces semelhantes aos Açôres no Brasil, e dêles houve quem enviasse dois, em 1618, ao Marquês de Castelo Rodrigo, que de um fêz presente ao rei D. Filipe III.

Êste logrou observar Diogo Fernandes Ferreira, que dêle diz o seguinte (I, 72-73):

“Na alcândora em que estava pôsto, notei que tinha boa postura; na grandeza do corpo fazia vantagem aos Açôres da nossa Europa, ainda que pouca; tinha o rosto comprido, a cabeça para o corpo antes pequena que grande.

“No alto dela em direito dos olhos, tinha umas penas mais compridas que outras, postas como as dos nossos bufos, a modo de cornos, as quais abaixava às vêzes; não eram mui compridos, o pescoço bem tirado; as penas de que tinha o peito coberto eram

brancas, sem nelas haver pinta alguma; era mais pernalto alguma coisa que os nossos Açôres; tinha as mãos mais pequenas, o cabo mais curto (1). Não fizeram nada com êle, por falta de caçador.

“Deve haver naquelas partes do Brasil aves notáveis para caça e, por falta de quem as conheça, se não sabe delas.”

O Açôr comum da Europa e da Ásia é o *Astur palumbarius*, da família dos *acipitridos*, ordem dos *rapaces*.

* ACUAÇÃO. O ato de *acuar*.

ACUAR. Dos caçadores e cães se diz que *acuum*, quando cortam a retirada à caça, forçando-a a fazer-lhes frente; da caça quando, fazendo pé atrás, pára, conservando ameaçadoramente os cães à distância, latindo de modo compassado, sem se animarem a entrar em luta com o animal perseguido.

* AÇULAR. Assumar. Astumar. Estumar. Incitar os cães com gritos a perseguir a caça. Pode-se também açular a ma-

(1) Seria o nosso Gavião de penacho (*Morphnus guianensis*) ?

tilha mediante toques com a buzina ou trompa de caça.

ADAMASCADO, CANO. Diz-se dos antigos canos de espingarda forjados de *damasco*, isto é, de uma associação de barras de ferro e de aço, o que produz na superfície ornatos devidos à diferença de coloração dos dois metais.

AFILAR OU AFILHAR. Vide *Açular* (Cin.)

AFIRMAR. Aplicar. Amestrar o cão a perseguir apenas determinada caça, desprezando as outras. (Cin.)

* **AGUADEIRAS.** Vide *Penas* (Falc.).

* **AJOIAR.** Vide *Atrelar*.

* **AJOIO OU AJOUJO.** Trela.

* **AJOUJAR.** O mesmo que *Ajoiar*.

ALÃO. Vide *Cães-de-Fila*.

* **ALAPAR.** Refugiar-se. Abrigar-se. Esconder-se. Amoitar. Entocar-se. Diz-se dos coelhos e animais de hábitos semelhantes. (Cin.)

Ex.: “Eram muitos (os coelhos), e morriam à pancada, porque os pobrezinhos *alapados* debaixo das urzes, se fugiam,

eram logo mordidos pelos cães; se esperavam, eram apanhados à mão (CAMILO CASTELO BRANCO. *Cenas Contemporâneas*, 2.^a ed., 8).”

ALARES. Armadilha para perdizes feita de sêdas de cavalo.

* **ALBARDILHA.** Armadilha antigamente usada para a captura de falcões. Era feita de fios de arame e crinas de cavalos (D.F.F., II, 97-98).

* **ALCANÇOS.** Dedos das aves falcoeiras (D.F.F., I, 19) (Falc.).

ALCÂNDORA. Pau em que se costuma pôr e atar o falcão (D.F.F., I, 19) (Falc.).

* **ALÇAPÃO.** Armadilha consistente em uma jaula de madeira, tendo como teto uma tampa articulada, que é mantida erguida por meio de um esteio mais ou menos vertical, apoiado num pequeno entalhe de um travessão, colocado horizontalmente, e mal fixado em uma das extremidades por um anel e na outra, por leve pressão contra uma haste da grade do alçapão. No fundo colocam-se frutas ou sementes. O pás-

saro, atraído pelo *engôdo*, salta para dentro do alçapão, pousando na haste horizontal posta à maneira de poleiro. Com o pêso da ave cai o poleiro, solta-se o esteio que sustém a tampa, e esta, tornada mais pesada pela adjunção de uma pedra, cai, encarcerando o pássaro.

ALETO. Falcão originário da América (Peru, Antilhas); *Falco nigriceps*, da fam. dos *falconídeos*, ordem dos *rapaces*.

“São pequenos na plumagem, diferem de todos os demais.

“Parte do peito, coxas e ôveiro têm vestidos de penas miúdas, e o papo sem nenhuma pinta; o ruivo tem côr de milhano, a cabeça cercada quase tôda duma lista de penas da mesma côr, debaixo das asas, em alguma parte das titelas, têm penas pardas com pintas atravessadas, como que imitam as dos outros Falcões; têm as asas compridas, o cabo para o corpo bem formado, e as mãos delgadas, os dedos compridos; é gracioso à vista; não os vi caçar, têm jeito de grandíssimos voadores e que matarão tudo.

“Com êles caçam as perdizes; e são tão porfiados em as matar, que nas balças entram com elas.

“O licenciado Filipe Butaca Henriques, natural da cidade de Évora, me afirmou que os vira no Pôrto do Calvo e Rio das Pedras, na capitania de Pernambuco, onde êle veio dar à costa com uma embarcação vindo de Angola o ano de 605.

“Estêve ali trinta dias, e neste tempo por tôda aquella costa viu êstes pássaros, que eram maiores que os Gaviões Primas, e menores que Falcões; e notou dêles serem grandíssimos voadores, tanto que a vista os não podia alcançar para notar dêles tudo: muitas vêzes os viu tomar papagaios e outras aves, e no caçar serem mui porfiados, e persegui-las, mostrando muito ânimo, e se metiam com os pássaros por dentro das árvores, e não descansavam até os não levarem nas unhas; e que desejou de os trazer a êste reino, por entender que os príncipes e senhores os teriam em grande estima. Quem os quiser haver de lá pode-os criar em pequenos como os Gaviões, e pelo

mar os tragam depois de criados... , porque quem os souber trazer interessará nisso muito dinheiro.

“Os Aletos, além de matarem perdizes, matam alcaravões, pégas, e são estimados de todos os caçadores geralmente (D.F.F. I, 117-118).”

Não nos consta que fôsem jamais empregados na caça pelos brasileiros, apesar do entusiasmo com que Varnhagen preconizava no nosso país a Altanaria.

É também difícil precisar a qual das atualmente conhecidas espécies de falconídeos brasileiros pertenceriam os aletos observados por Butaca Henriques; talvez alguma espécie do gênero *Leucopternis*.

ALEVANTAR. Vide *Levantar*. (Cin.).

ALFANEQUE. Falcão originário do norte da África. Tem a cabeça branca, a plumagem ora ruiva, ora preta, coxas bem longas.

Caça bem a lebre, os dorais, as garçotas e os corvos (D.F.F., I, 116-117).

O nome científico é *Cerchneis* ou *Serchneis tinnunculata*, tribo dos *falconides*, família dos *acipitrídeos*, ordem dos *rapaces*.

ALONGADO. Eirado. Montado. Tornado novamente selvagem (Cin.).

ALTANARIA OU ALTANERIA. Arte de caçar com aves de rapina amestradas (Falc.).

* **ALTANEIRO.** O falcão que caçava qualquer ave (D.F.F., I, 22).

O que diz respeito à Altanaria. O falcão de vôo alto (Falc.).

* **AMAINAR.** A perdiz ou cadorna estando prestes a alçar o vôo (Cin.).

AMARRAR. Parar. Mostrar a perdiz. (Cin.). Os cães perdigueiros, quando toparam a perdiz no campo, param e fixam nela o olhar, sem latir, abanando a cauda, e dirigindo-o depois para o caçador (*amarrar*).

Este faz um sinal e o cão avança; a perdiz alça o vôo.

AMATILHAR. Reunir os cães em matilha para a caçada.

AMEIJOADA. Em cinegética significa: o lugar em que se recolhem os animais selvagens para passar a noite. Vide *Dormida* (Cin.).

* **AMOITAR** ou **AMOITAR-SE**. Esconder-se. Refugiar-se do caçador ou dos cães em alguma moita ou lugar escuso.

No Rio Grande do Sul empregam a expressão particularmente em relação às cadornas, quando se escondem em alguma moita (V.).

Aplica-se correntemente em relação aos cervídeos e galináceos selvagens.

ANTEIROS. Cães *afirmados* na caça às antas. No Brasil educam-se para anteiros, geralmente, cães da mesma raça que os aplicados ao *curso* dos veados. Vide *Veadeiro*, *Cão*.

APEIRO. Conjunto de instrumentos, armadilhas e cães, de que o caçador se serve para caçar (O. S., 201).

APLICAR. Vide *Afirmar* (Cin.).

APRAZADOR. Caçador que *empraza* caça grossa.

ARACAMBÉ. Espécie de cães selvagens do interior do Brasil.

“São escuros, têm muito faro e perseguem tenazmente os pequenos animais.

“Não são domesticáveis”, diz PAULA SOUSA, “antes de natural selvagem e refratários ao cativeiro.

“Havendo bastante”, acrescenta, “não me consta que alguém os tivesse apanhado e domesticado em casa.

São peritos caçadores e exercem êsse mister em bandos, que se supõe ser a família; são tenazes na perseguição de pequenas caças — coelhos, cutias e até mesmo veados.

Quando atropelam a caça, têm um como que latido soluçado, que lhes sai do fundo da garganta, aspirado fortemente e que os denuncia ao longe.

São cães com todos os característicos da espécie; o fato de não latirem é, como observa BREHM, o que caracteriza as espécies de cães selvagens (H.S., C.B.C., 45).”

Também se emprega o nome para designar pequenos cães ordinários, gosos ou fraldiqueiros (H.S., C.C., 257; V.).

ARANHOL. Armadilha de caçar pássaros. Tem o aspecto de uma teia de aranha. Faziam-no de duas, três e quatro varas.

ARAPUCA. “Pequena armação de pe-

daços de pau ou taquara, em cuja armadilha se colocam alguns grãos de milho presos a uma rachadura nela praticada. A ave, ao bicar o milho, faz desandar a armadilha, e a arapuca, perdendo o apoio que a mantinha suspensa de um lado, cai-lhe em cima e a prende (B.A., 11).”

ARATACA. “Consiste em um madeiro pesado, colocado transversalmente sôbre o caminho habitual da caça, suspenso em uma das extremidades por meio de uma armadilha que a caça faz desandar ao passar por baixo, recebendo a morte com a queda do madeiro sôbre o dorso. Até as onças são mortas no sertão por êsse meio (B.A., 8).”

* **ARCO.** Arma dos índios destinada a lançar flechas. Consta de uma vara flexível, às vêzes talhada no caule de uma palmeira, ligeiramente curva, e com as extremidades unidas por um cipó tenso. Usavam-no de duas maneiras:

1. De pé, conservando uma das pontas do arco entre o grande e o segundo artelho do pé esquerdo, e segurando a vara com

a mão esquerda. Firmavam-se com o pé direito, e com a mão do mesmo lado seguravam a flecha e puxavam a corda.

2. Deitavam-se em decúbito dorsal, flexionando as coxas sôbre o abdome e as pernas sôbre as coxas; com os dedos dos pés juntos mantinham a vara do arco. As mãos puxavam a flecha e esticavam a corda. A flecha deslizava pelo pequeno espaço compreendido entre os pés.

ASSUMAR OU **ASTUMAR**. Animar com gritos especiais os cães a perseguirem a caça.

ATIÇAR. Açular. Estumar. Assumar. Incitar os cães a correrem a caça.

* **ATIRADEIRA**. Arma usada pelas crianças a fim de alvejar, com pedrinhas, pequenos pássaros e animais de pêlo.

Consta de uma forquilha de cabo curto, feita de arame grosso, ou madeira, tendo prêsas nos seus ramos duas tiras de borraça elástica, que se unem por meio de uma peça de couro mais larga, na qual se coloca o projétil.

ATIRADO. Chumbado. Animal que recebeu o tiro, mas conseguiu fugir ferido. (Cin.)

ATOCAIAR. Ficar na *tocaia* à espera de que a caça passe para atirar-lhe. Pode ser feita de cima de um *jirau* ou *mutá* (Cin.) (Bras.).

ATRELAR. Prender os cães com a *trela* ou *ajoio*.

* **AVESSADAS.** Correias com que se atam os falcões nas varas ou *alcândoras* (D.F.F., I, 19) (Falc.).

AZAGAIA ou **ZAGAIA.** Espécie de lança curta, tendo uma fôlha larga, pontiaguda e cortante, na extremidade. É arma dos negros da África, e no Sul de Mato Grosso empregada na caçada das onças, para conter a fera *acuada* ou *derribada*.

AZEUMA ou **AZEVÃO.** Chuço. Lança usada antigamente na montaria de ursos e javardos.

B

BAFARI. Variedade do falcão europeu (*Falco peregrinus*), proveniente do Mediterrâneo, (Sardenha, Baleares, Romênia).

“Êstes da Romênia são granados Falcões e muito bons grueiros, e mui raivosos, de grande fome, e cainhos e apegadores (D.F.F., I, 109).”

Caçavam bem em companhia dos *Nebris*.

Os Tagarotes eram tidos como variedade dos *Bafaris*; vinham de Cabo Verde e da Costa d'África. Mais famintos que os *Bafaris*, por isso mesmo difficilmente remontavam a caça de vôo mais alto, contentando-se com as adens (D.F.F., I, 109), e outros pequenos palmipedes.

* BAGO. Cada um dos grãos de chumbo com que se carregam as espingardas (Cin.).

BAGUÁS, CÃES. Vide *Chimarrões*, *Cães Baguás* ou

* BALA. Projétil inteiriço, geralmente de chumbo, podendo também ser de ferro, cobre ou níquel, de forma variável (cilíndrica, cônica, cônico-truncada, cilindro-cônica, ogival, esférica) fixo à extremidade anterior de uma cápsula cilíndrica ou cilin-

dro-cônica de cobre ou latão (cartucho), cheia de explosivo, e deflagrável pela percussão de uma espoleta.

Com o nome de *balas-hélice* encontram-se no mercado projetis de chumbo de forma aproximadamente cilíndrica, perfurados no centro, em tôda a extensão; nesse canal existem três lâminas côncavas, prêsas à parede e inclinadas no mesmo sentido (hélice). O giro helicoidal dos projetis é indispensável ao alcance e precisão do tiro; como estas balas se destinam ao carregamento dos cartuchos de espingarda, arma de canos interiormente lisos, o ar, passando pelas lâminas inclinadas, produz o mesmo efeito que as raias das carabinas nas balas simples.

Balas explosivas ou *dunduns* são projetis ocos, cheios de explosivo. Deflagram ao contato do alvo e estilhaçam como granadas. São empregadas, principalmente na Africa e na Índia, contra os animais de epiderme resistente (crocodilos, elefantes, rinocerontes). Denomina-se imprópriamente balas *dunduns* a certos projetis estilhaçá-

veis, muito traumatizantes, mas não explosivos.

* BALÇA. “Mata formada de arbustos espinhosos em plena vegetação (C. A.)” (Cin.)

BALIM. Balote. Grão de chumbo de grande diâmetro.

BALOTE. Pequena *bala*.

BALROAR. Abalroar. Encontrarem-se os os cães com a caça (Cin.).

* BAMBURRAL. Bambual ou Bambuzal. Touceira de bambús (Pernambuco). Lugar encharcado, cheio de vegetação arbustiva, entremeado de juquiris, tabocas e cipós, difícil de atravessar (R.M., I, 74).”

* BAMBURRO. “É, em Mato Grosso, um emaranhado de mato muito fechado e baixo, geralmente entremeado de espinho, japecanga, cipó e macega, dentro do qual não é possível enxergar a onça, ainda que se esteja às vêzes a três metros de distância (P.C., 105).”

* **BANDOLEIRA** Correia que se prende à arma para levá-la a tiracolo.

* **BANHADO.** Brejo. Alagadiço nas várzeas dos rios ou dos lagos e lagoas.

* **BANHADO, CAÇA DE.** Caça de brejo. Nome aplicado a tôda e qualquer espécie de caça ribeirinha, geralmente aves pertencentes às duas ordens dos *palmípedes* e *pernaltos* (patos, marrecos, gansos, cisnes, narcejas, saracuras, quero-queros, garças, flamingos, etc.)

* **BARBEIRO.** O mesmo que *Sapateiro*.

BARREIRO. “Baixadas salino-salitrosas, de côr acinzentada, puxando para branco (H.S., C.C., 258).”

BARRIGADA. Conjunto das vísceras do animal abatido, que os caçadores dão a comer à cachorrada, como estímulo.

BARROAR. Voltar a encontrar o rasto da caça depois de o haver perdido (diz-se dos cães).

BARROCADA. Vide *Bibocas*.

* **BATEDORES.** Caçadores aos quais incumbe, nas batidas, a missão de tocar a caça para as *esperas*.

BATER. “Primeiros latidos do cão ao entrar no mato onde há vestígios de passagem, caminho que corta um mato (H.S., C.C., 258)” (Cin.).

BATIDA. Caçada em que os animais são tocados através do campo ou floresta, por homens (*batedores*), ou cães, em direção a determinados lugares (*espera*) em que se postam os caçadores a fim de alvejá-los na passagem. Também significa o mesmo que *Trilho* (Cin.).

* **BATIZAR.** Operação que consiste em, estando a pele da onça esticada no *quadro*, fazer duas incisões em tôda a espessura da gordura, mas sem ferir o couro: a primeira, ao longo do eixo mediano do corpo, da cabeça à cauda; a segunda, transversalmente, pelo meio do corpo, formando com a primeira incisão uma cruz, de onde o nome (P.C., 139) (Cin.).

BATOCA. Grande soquete.

* **BEBEDOURO.** Poço, laguna ou riacho freqüentado pelos animais durante a estação sêca, e onde se torna fácil matá-los à traição. Lugar habitual em que os animais selvagens se dessedentam (Cin.).

* **BIBOCAL.** Lugar cheio de *bibocas*.

BIBOCAS. Anfractuosidades. Buracos. Grotas pequenas. Cavidades abertas no solo pelas enxurradas. *Barrocada* (Mato Grosso).

BILBODE (CAÇAR A). *A la billebaude* (dos franceses). Sem plano predisposto, à aventura, ao acaso. Expressão proposta por PAULA SOUSA, na falta de outra que no nosso idioma lhe corresponda (pág. 11). (Cin.).

BISCA! Vide *Isca!* (Cin.).

BOCAINA. Vale ou canhada entre duas elevações do terreno. "Espaço de campo entre duas pontas ou cabeceiras de mato (H.S., C.C., 259)."

BODOQUE. Arco pequeno, de duas cordas, apresentando ao meio uma pequena rêde em que se coloca o projétil, geralmente

uma bola de barro endurecido, ou seixo rolado. É arma usada pelas crianças na caça dos passarinhos.

Boiz. Vide *Aboiz*.

BOLAS. Instrumento usado nos pampas do Sul, para laçar reses no campo e caçar emas, perseguindo-as a cavalo.

“As bolas são em número de três e medem, pouco mais ou menos, três polegadas de diâmetro. A parte externa de cada uma delas se assemelha a uma bolsa de couro cru, que se põe de molho para tirar-lhe a rigidez. Essa bolsa é encheida de areia e a abertura bem costurada. Ao secar, o couro contrai-se e o todo torna-se duro como pedra. Cada bola prende-se a uma corda de três ou quatro pés de comprimento, feita de tiras entrelaçadas tal qual o laço e as três cordas unem-se por um nó a dois pés de distância das bolas. Esta parte pode chamar-se o punho do aparelho, visto que a pessoa que o maneja segura êsse nó na mão direita, imprimindo às bolas a necessária velocidade para fazê-las girar com toda a fôrça sôbre a cabeça, atira-as em seguímen-

to do cavalo ou boi que se quer prender. No trajeto as bolas espalham-se tanto quanto o permitem seus liames, e, alcançando a perna do animal, nela se enroscam, embaraçando-lhe a fuga (JOHN LUGCOCK, *Aspectos Sul-Riograndenses*, trad. por Melo e Sousa, págs. 66-67)."

É arma de procedência indígena. O primeiro dos nossos cronistas a descrevê-la é Pêro Lopes de Sousa, que a encontrou em uso entre os indígenas do Rio da Prata (*Diário da Navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530. . . .*, Lisboa, 1839, págs. 53-55). O jesuíta Fernão Cardim afirma que também os carijós (cariós) a usavam para derribar homens e animais (*Tratado da Terra e Gente do Brasil*, ed. J. Leite, pág. 36).

BOLEADEIRA. O mesmo que *Bolas*.

BOM CORREDOR. "Lugar cin que pode haver uma boa caçada sem desnorrear-se a caça (J.P.S., 91)" (Cin.). (Bras.).

BORNI. Falcão originário da Europa Central, certamente o *Falco peregrinus*.

Bons para tôda a Altanaria; atacam as garças, perdizes, alcaravões e garçotas (D. F. F., I, 115).

BRETE. “Armadilha de dois paus delgados, do longor de um côvado, para tomar aves (M.)”

BRÔCO. O veado que perdeu os chifres. Na época do ano em que isto sucede, regularmente, a carne dos cervídeos torna-se morrinhenta e intragável.

BROCOTÓS. “Terrenos cheios de altos e baixos e quase geralmente pedregosos (H. S., C.C., 259)” (T. do Brasil Central).

* **BRANCOS.** Assim qualificam os caboclos da Amazônia os palmípedes quando, durante a muda, estão sem as penas grandes das asas, e, portanto, impossibilitados de voar (C.M.V., 19) (Cin.) (Bras.).

* **BUCHA.** Rodela espêssa de fêltro, papel comprimido, ou lã, destinada a separar no cartucho a pólvora do chumbo. De diâmetro um pouco superior ao calibre interno do cartucho, quando bem aplicada

funciona, em relação aos gases da combustão da pólvora, como um êmbolo de bomba, propelindo a carga de chumbo.

Os nossos matutos empregam como bucha para as suas *pica-paus* a palha de milho desfiada e socada.

BUSCANTE. O empregado na função de procurar rastos de caça pelos montes.

BUZINA. Vide *Trompa*.

C

* **CAATINGA.** Regiões do Nordeste Brasileiro, onde a umidade escassa apenas permite o desenvolvimento de espécies vegetais muito resistentes, próprias das zonas áridas, como as cactáceas, bromeliáceas, e, em geral, as plantas espinhosas.

* **CABO.** Cauda das aves falcoeiras (Falc.).

CAÇA. Veação. Animais que se perseguem, ou por constituírem boa alimentação, ou por fornecerem peles e outras substân-

cias aproveitadas pela indústria, ou, ainda, como medida de defesa do homem, em vista do prejuízo por êles causado. Os animais que constituem objeto de caça estão compreendidos nas grandes classes dos reptis, aves e mamíferos. A caça de aves tem o nome especial de *caça de volataria*, e a de mamíferos, *caça de pêlo*.

CAÇA. Exercício aprazível em que o homem procura, pela inteligência, coragem e habilidade, vencer a astúcia e a agilidade dos irracionais, capturando-os vivos ou mortos.

CAÇADA. Montaria. Expedição de caça.

* **CACHORRADA.** Matilha de caça (Cin.).

* **CACHORREIRO.** O que conduz os cães atrelados para soltá-los no rasto da caça.

* **CACIFO.** Pequeno cofre perfurado, ou gaiola, empregado para o transporte dos *furões*.

CÃES D'ÁGUA OU CÃES DE BÚSCA. Cães que, por instinto peculiar à raça, ou em virtude de treinamento especial, vão buscar a

caça abatida, saltando, se necessário fôr, aos brejos, lagoas e rios.

CÃES DE FILA. Os que preiam (*filam*) a caça. Os antigos davam-lhes o nome de *Alão* ou *Molosso*, e empregavam-nos não só para a guarda das habitações e rebanhos, pela fôrça e coragem de que são dotados, como também na caça das feras (lôbos, ursos). Atualmente o tipo clássico de cão de fila é representado pelo buldogue, animal de focinho curto e achatado, cabeça grande e quadrada, orelhas pequenas, corpo roliço e musculoso, pernas grossas e tortas. A particularidade mais notável é a disposição dos dentes, que se imbricam e cruzam com os do maxilar oposto, de modo que, uma vez dada uma dentada, a vítima na certa perde um pedaço de carne. O buldogue é uma verdadeira fera doméstica e infunde real respeito aos amigos do alheio.

CAIÇARA. “Espécie de cêrca morta, isto é, aquela que é formada de forquilhas e gar ranchos (H.S., C.C., 260).”

Nas caiçaras apanham-se, às vêzes, varas inteiras de caititus e queixadas, quando levantadas em lugar conveniente, e tendo aberturas de penetração construídas a modo dos *jequis* e *covos* para peixe.

CAMA. Lugar em que a caça repousa ou estaciona durante o dia (Cin.).

* **CAMARADA.** Trabalhador rural, geralmente guardador de gado, prático da região, e que serve de guia às cavalhadas e expedições cinegéticas (Bras.).

* **CAMPINA.** Terreno extenso, plano ou pouco acidentado, coberto de vegetação rasteira.

CANGOTE. Parte inferior da nuca dos veados e antas.

* **CANHADA.** Vale. Depressão entre dois ou mais morros.

* **CANTIL.** Frasco de metal de forma elíptica e achatada, contendo uma reserva de água, e que os excursionistas levam preso à cinta.

CAPÃO. Vegetação de arbustos e pequenas árvores ilhadas no meio de um campo. Também significa animal emasculado.

CAPARÃO. Capuz de pelica, com que se cobre a cabeça das aves falcoeiras quando a caminho da caça. Tem uma abertura para a passagem do bico; no mais, cobre completamente a cabeça do rapineiro. É retirado no momento do ataque (D.F.F., I, 19) (Falc.).

CAPELA. Bando de bugios ou de monos empoleirados.

* **CAPOEIRA.** Capoeirão. Bosque de árvores novas, de pequeno diâmetro de caule, e pouco copadas, entremeadas de ervas altas.

Quando se faz uma *queimada* de mata virgem, a vegetação, que em seguida brota, dá lugar a um pasto, e, após, ao capoeirão.

CAPOEIRÃO. Vide *Capoeira*.

* **CARABINA.** Arma de fogo, sistema de repetição, de cano longo e raiado, destinada a atirar a grandes distâncias, com precisão, projetis inteiriços (balas).

É usada para a caça de grande porte e couro resistente, como os grandes felinos, paquidermes e ruminantes da Ásia, África e América.

No nosso país emprega-se quase que exclusivamente contra os tapires (antas), onças, tamanduás, jacarés e cervos galeiros.

* **CARNIÇA.** Animal encontrado morto. Vide *Embiara*.

CARREGAR. Colocar os projetis na arma.

* **CARREGAR.** Investir a caça contra alguém. O rinoceronte *carrega* contra quem quer se lhe depare na frente; os touros bravos contra quem trazer sôbre si vestes ou objetos de côr vermelha. É galicismo (do fr. *charger*) aclimado (Cin.).

* **CARREGAR CARTUCHOS.** Série de operações, que consistem sucessivamente em colocar a *espolêta*, a carga de pólvora, a *bucha*, o *chumbo*, fechar o cartucho a rodela de papelão, e *violar*.

* **CARREIRO.** Sulco largo e profundo deixado pela passagem repetida dos tapires na barranca argilosa dos rios e lagoas (Cin.).

* **CARTUCHEIRA.** Cinto em que se carregam os cartuchos de munição.

* **CARTUCHOS.** Cápsulas cilíndricas ou cilindro-cônicas, em que se colocam a espoleta, a pólvora e o projétil, que, juntos, constituem uma carga de fogo, ou tiro (Cin.).

Pode ser totalmente metálico, e nessa categoria estão os cartuchos de *bala*; ou de papelão, com refôrço metálico na parte inferior; nessa última classe estão os destinados a cargas de chumbo em *bagos* ou *balas-hélice*.

Os cartuchos para chumbo inteiramente metálicos contam poucos entusiastas.

CERRADO. Bamburro. Capoeirão em que abundam árvores tortuosas e cipós entrelaçados, dificultando lobrigar-se a caça.

CETRARIA OU **CITRARIA.** Nome antigamente dado à *Falcoaria* (Corrutela de *acipitraria*) (Falc.),

CEVA. Lugar em que se deixam propositadamente os alimentos preferidos por certa espécie de caça, a fim de que, habituando-se ela a freqüentá-lo, seja possível ao caçador, escondido nas proximidades, matá-la à traição.

CEVADOIRO. Ceva.

* **CEVADURA.** Resto da perdiz ou ave semelhante em que se cevou o açor (D.F.F., I, 21) (Falc.).

* **CEVAR.** Dar de comer aos falcões; também se diz do ato de comerem essas aves a caça que *preiam*. (D.F.F., I, 20-21). (Falc.) Alimentar animais na *ceva* (Cin.).

* **CHAMA.** O mesmo que *Chamariz*.

* **CHAMARIZ.** Nome dado à ave domesticada da mesma espécie que as que se deseja apanhar e que se utiliza na caça à traição, a fim de atrair suas semelhantes à cilada ou armadilha.

Para apanhar aves de rapina empregava-se como chamariz antigamente, e ainda hoje, em alguns lugares, o bufo, espécie de

coruja (fam. dos *Estrigídeos*), dada a conhecida animosidade dos rapaces diurnos para com os noturnos. Mal avista o pobre bufo, cai-lhe em cima o rapineiro, e o caçador emboscado pode abatê-lo a tiro, ou apanhá-lo em armadilhas ou rêdes apropriadas.

Para a caça das pombas costuma-se, entre nós, empregar uma chamariz cega, atada por um barbante pelo pé. Para a caça dos patos usam-se, além de exemplares domesticados, chamarizes artificiais, feitos de madeira e coloridos, que se deixam boiando numa laguna intercalada no trajeto habitual dêsses palmípedes. Vendo seus inanimados irmãos pousados n'água, o bando todo resolve fazer o mesmo, fornecendo ótimos alvos ao caçador *atocaiado*.

* CHANFRAR. Estraçalhar as aves por meio de tiros feitos de muito perto, ou com munição grossa (Cin.).

* CHAPADA OU CHAPADÃO. Altiplano. Planície que se estende sôbre serras elevadas.

CHIMARRÕES, CÃES BAGUÁS ou. Chamam-se assim, no Rio Grande do Sul, os

cães domésticos que, proliferando nos campos, se tornam selvagens, e atacam quando famintos, como alcatéia de lóbos, as reses no campo. São objeto de uma caça ativa visando a defesa dos rebanhos.

* **CHIQUEIRO.** “Quadrado de alguns metros, cercado de todos os lados, tendo uma porta de tábua corrediça, que fica suspensa por meio de um cordel ligado à parte superior da porta e que, para mantê-la suspensa, é ligada a uma mola de pau, ou armadilha, debaixo de um estrado colocado no interior do chiqueiro. A caça, engodada pelo milho que está sôbre o estrado, penetra por êle e com seu pêso desanda a mola, fazendo cair a porta. Muita caça, veados, queixadas, caititús, pacas e cutias são vítimas dêsse laço. Para os queixadas e caititús, entretanto, não há necessidade da armadilha. Faz-se o estrado a começar da entrada do chiqueiro e ao nível do chão, avançando dois metros para dentro, mas de maneira que, nessa extremidade, fique elevado do chão um metro. Os porcos entram por cima do estrado e, chegados à extremidade, saltam para dentro do

cercado. Quando procuram sair, começam a rodear as paredes da prisão, mas, ao invés de pularem para cima do estrado, passam por baixo dêle, sem nunca atinarem com a saída. É sabido que os porcos do mato não elevam os olhos, tanto que o caçador, rodeado por êles e na iminência do perigo, basta trepar em um tóco ou galho de árvore a meio metro de altura, para evitar as suas aguçadas e perigosas prêsas (B.A., 10)" (Cin.).

* **CHOFRAR.** Esbarrar. Dar de chôfre. Topar inopinadamente com a caça. No Brasil diz-se, de preferência, *esbarrar*.

CHOFREIRO. Caçador que atira à caça de chôfre.

* **CHOROCAR.** Piar baixinho, tremulando. Entre as aves brasileiras, *chororocam* principalmente os nhambus, macucos e capoeiras (Bras.).

CHUÇO. Lança tósca. Espécie de aza-gaia grande (V.).

* **CHUMBAR.** Ferir levemente a caça (Cin.).

CHUMBEIRO. Bôlsa para chumbo, que se leva ao cinto ou a tiracolo, provida de divisões para os diferentes diâmetros dos grãos de chumbo (Cin.).

CHUMBO. Munição granulada. Há grãos ou *bagos* de vários diâmetros designados convenientemente por números das escalas dos fabricantes, e apropriados a tôdas as espécies venatórias que não requerem o emprêgo de *bala*. É fabricado ora mole, ora endurecido por uma forte percentagem de liga de antimônio. As preferências dos caçadores variam: o chumbo mole tem menor poder de penetração, porém produz, em virtude da deformação que sofre, ferimentos mais traumatizantes, e por isso é empregado para ferir animais de pele pouco resistente; o endurecido é indicado para quando se tem que alvejar de longe, ou em animais de epiderme resistente, como veados, ou de plumagem densa, como os palmípedes, onde não raro o chumbo resvala sem ferir (Cin.).

CILADA. Pulador. Passador. Lugar por onde habitualmente passa a caça que se deseja alvejar (Cin.).

* **CINGIDEIRA.** Dedo mediano dos pés das aves falcoeiras (D.F.F., I, 19) (Falc.).

CINTADO, CANO. O que é feito de chapas de ferro soldadas e torcidas depois. Empregava-se na sua fabricação, antigamente, o metal proveniente de ferraduras velhas.

“Quem com perfeita segurança os quiser obrar, faça as chapas de ferraduras ou canelos, porque nêles se alcança, e experimenta a melhor prova; advertindo sejam êstes brandos, por ser esta a causa por que dêles se faz semelhante escolha... (J.R., 70)” (Cin.).

* **CITREIRO.** Caçador hábil em veterinária falcoeira (D.F.F., I, 22) (Falc.).

* **CLARIM.** Instrumento de sôpro, metálico, retorcido à maneira dos trombones, usado nas caçadas aristocráticas para executar as *fanfarras* e toques.

Por extensão de significado, dá-se êsse nome aos indivíduos que os toçam,

* COBERTEIRAS. Vide *Penas* (Falc.)

COLADOR, CÃO. Aquêles que gosta de meter-se espontâneamente pelo mato a dentro em procura de caça (Cin.) (Bras.).

* COMEDÍA. "Lugar, na beirada dos lagos e igarapés, orlado de canarana onde certos peixes e anfíbios vão comer. Comédia de peixe-boi, de pirarucú, de tartaruga. Clareira na floresta, em que os quadrúpedes e quelônios vão comer frutos. Comédia de anta, de paca, de jabuti. Alto de árvore onde os pássaros e aves vão comer. Comédia de arara, de papagaio, de mutum (R.M., I, 140)" (T. amazônico).

* CONCHAS. Vide *Escudetes* (Falc.).

* CONFIRMAR. Dar os mesmos sinais de mostra que outro cão já deu (Cin.).

* CORIXOS. "Córregos de existência efêmera, criados pelas cheias. Alguns perdem mesmo na vazante, com as águas estagnadas, conforme o terreno que encontram (P.C., 37)" (T. de Mato Grosso).

* CORRER. Caçar de curso. Exs.: Fulano gosta de *correr* antas; vamos hoje, meus amigos, *correr* uma paca! (Cin.).

* **CORRER-LHE OS VENTOS.** Farejar (Expressão portuguesa).

CORRIDA. “Música dos cães que perseguem a caça em que se amestram (J.P.S., 91).” Os latidos enquanto estão tocando a caça (Cin.).

CORSO, CAÇAR DE. Perseguir correndo animais de pêlo com cães ou sem êles. Veados, lebres, rapôsas, etc., constituem *caça de corso*. Dentre as aves, só as corredoras (avestruzes, emas) constituem objeto de caça com esta denominação.

CORSO, CÃES DE. Os que perseguem os animais corredores: veados, antas, pacas, cutias, lebres, etc. ... Estão nessa categoria os galgos, sabujos e lebréus.

CORTAR VENTO. Aproximar-se da caça caminhando em sentido contrário àquele em que sopra o vento, isto é, *peitavento*, para iludir o ouvido e olfato apurados dos animais silvestres.

* Cós. Vide *Salto* (Falc.).

COSTELA. “Armadilha para pássaros, feita de uma costela de cavalo com uma

corda torcida em uma tábua estreita (M.)” (Cin.).

* **COSTILHA.** “Armadilha para apanhar falcões; consta de um arco de pau como o da costela, com duas maças na ponta, e um sedenho delgado, e bem torcido, para tomar falcões na dormida (M.).”

* **COTÓ.** Animal que tem rabo curto, quer naturalmente, quer em consequência de amputação parcial.

* **COUTADA.** O mesmo que *couto* ou *tapada*.

* **COUITEIRO.** Homem encarregado de tomar conta de um *couto* ou *tapada*. É o que os franceses chamam *garde-chasse*.

* **COUTO.** Tapada. Grande área cercada ou murada, em que se cria a caça em relativa liberdade (Cin.).

* **CUBERTEIRAS.** Vide *Penas* (Falc.).

* **CULERO.** Cueiro (em espanhol). Na gíria cinegética de Mato Grosso significa o ninho ou refúgio dos animais de caça.

Ex.: “A gente já sabe onde a capivara tem o seu *culero* (E. V., 137)” (Cin.) (Bras.).

* CUMBUCA. “Cabaça de bôca grande (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, *Dicionário da Língua Portuguesa*).

O fruto da sapucaia (*Lecythis urnigera*, fam. das Lecitidáceas) cónstitui uma ótima cumbuca empregada no Brasil como artifício para capturar macacos, desde que cheia de milho, castanhas ou outras sementes quaisquer, de que os quadrumanos são muito gulosos. O macaco vem, fareja a gulodice, mete a mão pela abertura da cumbuca, segura um punhado de castanhas, mas... não pode retirar a mão, porque essa aumentou de volume com a carga, e não passa mais pelo orifício. Não acode à lembrança do glutão o expediente de soltar algumas castanhas para libertar-se, e começa a esperar e soltar guinchos sem outro resultado além do de chamar a atenção do caçador, que logo acode a recolher a prêsa. Alguns símios, no entanto, conseguem escapar, e êstes não caem mais em outra. Daí o

provérbio *Macaco velho não põe a mão em cumbuca*, aplicável ao individuo prudente e experimentado, que não se mete em negócios arriscados.

* CUNHAS. O mesmo que *Cuberteiras*. Vide *Penas* (Falc.).

CUPIM. Dá-se este nome a cada uma das colônias de termítes, as quais, no campo, se apresentam sob a forma de montículos de barro semelhantes aos pães-de-açúcar (Cin.).

CURSAR. Lançar os projetis. Espingarda *curseira*: a que tem grande alcance.

CUTIEIROS. Cães amestrados na caça das cutias. Freqüentemente os *paqueiros*, quando *balroam* uma cutia, saem-lhe no *raslo*, abandonando a paca que perseguiam. Tais cães, mal *afirmados*, fazem o desespero dos caçadores.

D

DAMASCO. Metal empregado na fabricação dos antigos canos de espingarda, e

que era composto de uma associação de lâminas de ferro e aço (Cin.)

DAR ENCONTRADA OU **DAR DE ENCONTRO**. Achar-se o cão frente a frente da caça que está perseguindo. Alguns cães sabem cercar a caça e *dar de encontro*.

DECEINAR OU **DESAINAR**. Amansar as aves falcoeiras, isto é, habituá-las a andar na mão do caçador depois da muda, quando geralmente se tornam mais selvagens e esquivas (D.F.F., I, 20) (Falc.).

* **DESALAPAR**. Desentocar. Forçar o animal a deixar o esconderijo.

DESENGATILHAR. Pôr o cão da arma no descanso.

* **DESENTOCAR**. Fazer sair da toca ou buraco o animal que aí se refugiou.

Para desentocar as pacas e cutias há uma espécie de cão de pernas tortas, pêlo preto ou castanho, cabeça larga e focinho comprido, orelhas grandes e caídas, que nós chamamos *pernas-tortas* (*basset* dos franceses; *dachshund* dos alemães).

Para desentocar os coelhos utilizam-se, em vários países da Europa, os furões (*Putorius furo*).

Os tátús são no Brasil desentocados por processos indígenas, dos quais alguns bem interessantes:

1.º Conseguindo-se agarrar a ponta do rabo do tatu, com uma pequena vara vai-se fazendo cócegas no ânus do animal. Com a excitação, o desdentado desencrava as unhas da terra e pode ser retirado com facilidade.

2.º Outro processo consiste em fincar à roda do buraco, enquanto o animal cava e atira a terra para trás, uma série de varinhas, de cêrca de meio metro de comprimento, que se amarram em feixe a uma certa altura, que não deve ser muita, para que não deixe espaço suficiente para o tatu se mover nessa gaiola improvisada. O animal, logo que sente não estar mais sendo perseguido, volta-se dentro da toca para sair, e vai atulhando progressivamente o buraco com a terra retirada. À saída o focinho encontra-se com o vértice dessa cúpula ogival

de varas, e, como não sabe escavar para trás, nem pode mudar de posição, é irremediavelmente capturado.

3.º Para fazer sair as *piaras* de porcos do mato das grotas em que se meteram, usa-se introduzir na toca um ramo de arbustos desfolhado em tôda a extensão, menos na extremidade, onde se conserva um tufo de fôlhas, que é embebido em urina.

Atraído pelo cheiro ativo dêsse líquido, os porcos põem a cabeça para fóra do esconderijo ao retirar o caçador lentamente a vara, e podem ser então fácilmente alvejados (B.A., 73).

4.º Aplica-se também a fumaça como processo geral para desentocar animais, principalmente pacas. Para isso queimam-se gravetos, fôlhas sêcas ou papel, e, por meio de um abano, dirige-se a fumaça para dentro do buraco. Tornando-se irrespirável a atmosfera, o animal não tem outro remédio senão *espirrar*, o que faz de modo brusco e velocíssimo, conseguindo, não raro, escapar aos perseguidores.

5.º Aplica-se também a água para desentocar animais.

DORMIDA. Pouso. Poleiro. Lugar em que as aves se recolhem para passar a noite (Cin.).

E

EIRADO. O mesmo que *Montado* (Bras.).

* EMBARROAR. O mesmo que *Barroar*.

EMBIARA. Prêsa. Caça. Carniça. O que foi caçado (pelos animais).

A onça costuma guardar os restos da *embiara*. É por ela que, às vêzes, se conhece seu rasto. Freqüentemente é um caítitú ou veado parcialmente devorado (T. do Norte, arquivado por RODOLFO GARCIA no seu *Dicionário de Brasileirismos*).

EMBORNAL. Bôlsa de caçador, usada a tiracolo, em que se transportam roupas, remédios, alimentos, etc., quando em excursão demorada.

* EMPRAZAR. Encurralar a caça. Cercá-la para que não fuja.

ENCARNE. *Barrigada.* Porção dos animais abatidos que se abandona aos cães, para que se habituem a persegui-los.

ENCARNIÇAR. Cevar o animal de caça, cão ou ave falcoeira, na carne da caça a que se deseja aplicá-lo.

* **ENCARTE.** Toques com a buzina ou trompa de caça destinados a reunir a matilha no encalço do veado que um dos cães levantou (B.A., 54) (Cin.).

ENCASTELAR. Pairar a perdiz no ápice do vôo, antes de descer à terra. No momento em que a perdiz ou cadorna *encastela* é que deve ser alvejada, visando-se um pouco abaixo dos pés.

ENCONTRO, DAR DE. Vide *Dar Encontrada* (Cin.).

* **ENFIADA, TIRO DE.** O que se dá quando a ave se levanta na frente do caçador e voa horizontalmente afastando-se dêle na mesma direção. Visa-se em cheio.

ENGANOS. Vide *Samicas*. (Cin.).

ENGAR. Afeiçãoar-se a caça a algum pasto (O.S., 218).

* **ENGATILHAR.** Preparar a arma, já carregada, para o tiro, o que se faz: ou levantando os cães até o ressalto nas carabinas e espingardas comuns; destravando o ferrôlho, nas armas dêsse sistema; ou destravando também as espingardas môchas, as quais, ao se carregarem, engatilham automaticamente.

ENGÔDO. Vide *Isca*.

ENSAIAR. Mentir no rasto. Diz-se dos latidos dos cães enquanto ainda não levantaram a caça.

* **ENTOCAR.** Esconder-se na *toca*.

* **ENTROCHADO.** Torcido. Vide *Trochado* (Cin.).

ESCUMILHA. Chumbo de grãos muito pequenos.

* **ESCORA.** Espreita. Emboscada (Bras.) . (Cin.).

* **ESCORVAR.** Armar a espingarda. Colocar a espolêta na espingarda já carregada, quando de antecarga.

* **ESCUDETES.** Asperezas que as aves de rapina têm nos *sancos*, semelhantes às escamas de peixe. Também se chamam *conchas* (D.F.F., I, 22) (Falc.).

ESMERILHÕES. Pequenos rapaces empregados em falcoaria, pertencentes ao subgênero *Aesalon* do gênero *Hipotriorchis*. Há espécies americanas: *Aesalon columbarius*, *A. femoralis*. Eram empregados na caça da perdiz, codorniz e pequenos pássaros; pareciam-se no talhe e plumagem com os falcões *Alfaneques*.

* **ESPADAS.** Bons cães perdigueiros (T. port., Z.A., 182) (Cin.).

ESPARRELA. Armadilha para apanhar pássaros, Tábua com *visgo* destinada a prender pelos pés os pássaros que nela pousem.

* **ESPERA.** Lugares freqüentados amiúde pela caça; por aí encontrar o alimento

predileto (*comédia*); costumar fazer as dejeções; ou, ainda, descansar e banhar-se. Nesses lugares é fácil ao caçador escondido (*de tocaia*) alvejá-la com êxito (Cin.).

Lugar por onde devem passar os animais tocados pelos batedores (Cin.).

* **ESPIGÃO.** Contraforte que desce das serras e vem terminar nos vales.

* **ESPINGARDA.** Arma de fogo, de apoiar no ombro, com um ou mais canos, lisos por dentro, destinada a atirar com carga de chumbo e, eventualmente, com *bala*. Pode ser de tiro simples, de repetição (tipo *Remington, Winchester, etc.*), e automáticas.

ESPIRRAR. Sair o animal brusca e inesperadamente da toca em que se refugiou. Aplica-se o verbo aos coelhos, pacas, cutias, e, também, aos porcos do mato (*caititús*) (Cin.) (Bras.).

Obrigá-se o animal a espirrar de duas maneiras: primeira, atacando-o com cães especiais, de pernas curtas, ou furões, capazes de entrar com facilidade em buracos de pequena abertura; segunda, por meio de fu-

maça, que se dirige com um abano para dentro da toca, tornando a atmosfera irrespirável.

ESPOLÊTAS. Cápsulas fulminantes; pequenas carapuças de cobre com uma mistura que detona pela percussão, com um objeto metálico, inflamando a pólvora. Existem de dois tipos (atualmente): as destinadas às armas de ouvido, também chamadas de carregar pela bôca, de antecarga, ou de vareta; e as de cartucho, ou fogo central, para as armas de retrocarga, ou de carregar pela culatra. Além destas há as espolêtas fixas, de cartucho.

* **ESPREITAR.** Ficar de escora. Ficar à espreita. Ficar à espera da caça (Cin.).

ESTACAR. Parar. Amarrar (T. Bras.) (Cin.).

ESTUMAR. Vide *Assumar*.

F

* **FACÃO.** Grande faca de mato, que se leva à cintura.

* FALAR. O mesmo que *Ensaíar e Mentir* (Bras.) (Cin.). Ex.: “Os rastos que partiam da carniça foram logo seguidos por “Mestrinho”, que “falou” ao senti-los (P.C., 192).”

FALCOARIA. Arte de criar, tratar e caçar com falcões e aves semelhantes.

Tudo o que diz respeito a essa caça.

FALCOEIRAS, AVES. Rapaces empregados na caça de Altanaria. São, além dos falcões propriamente ditos, de que há várias espécies e variedades, os *Gaviões*, *Açôres*, *Esmerilhões* e *Ógeas*.

* FALCOEIRO. O que caça com falcões e cuida dêles.

FALCÕES. Rapaces da família dos *falconídeos* ou *acipitrídeos*, tribo *falconídes*, empregados na caça de Altanaria.

Diogo Fernandes Ferreira, no seu livro publicado em 1616, menciona e descreve sete *gêneros* de falcões com os nomes se-

tes, *bornis*, *gerifaltes*, *nebris* e *sacres*. São todos, parece, espécies e variedades dos gêneros *falco*, *hierofalco* e *serchneis*.

Sucedo, porém, que a falcoaria caiu em franca decadência já em começos do século XVII, com o aperfeiçoamento e diminuição de pêsso das armas de fogo portáteis, isto quando ainda não tinham atingido grande adiantamento as ciências naturais, nem Carlos Lineu, criador da sistemática moderna e da nomenclatura binária, sonhava nascer.

Assim sendo, dada a ruptura dos elos de tradição entre a época em que a acipitria (*cetrária*, *falcoaria*) estava em voga, e o tempo dos modernos estudos de zoologia, é difícil, quiçá mesmo impossível, encontrar com segurança a correspondência entre os nomes transmitidos por Diogo Fernandes Ferreira e os das espécies de falconídeos hoje cientificamente designadas. Davam naqueles tempos distantes o mesmo nome, às vêzes, a espécies totalmente distintas, que apenas exteriormente se assemelhavam, e nomes diferentes a aves que mal consti-

tuiam variedades de uma só espécie zoológica definida.

Feita esta ressalva, procuro no artigo correspondente a cada nome da divisão clássica, indicar a designação científica correspondente, sem, porém, garantir como exatas tais identificações.

* FANFARRAS. Árias de caça executadas pelos *clarins*, e que constituem uma espécie de descrição musical dos episódios da *caçada*, e dos animais que estão sendo perseguidos. Nas do nosso país não se conhecem as fanfarras, mas na Europa, onde o desporto cinegético é praticado a rigor, com grande trem, são parte integrante e indispensável do ato.

Na obra editada pela Livraria Larousse, escrita por vários ilustres amadores em colaboração, sob o título *La Chasse Moderne, Encyclopedie du Chasseur*, vêm transcritos numerosos toques e fanfarras (páginas 607-632), que, por uma interessante coincidência, são tôdas no tom de *dó maior*.

* **FAREJAR.** Sentir o cheiro da caça. Seguir no rasto levado pelo cheiro. Tomar o faro (Cin.).

FARO. Olfato. Sentido do olfato nos animais de caça.

* **FAROLAR.** Farejar ensaiando (T. do Nordeste).

* **FAZER.** Perseguir (tratando-se do cão que segue a caça).

Ex.: “Os nossos perdigueiros, que as vinham tirando a ventos (as perdizes), iam-nas já *fazendo*... (Z.A., 199)” (Cin.).

* **FAZER BARRIS.** Diz-se das grandes caçadas de palmípedes (patos, marrecos, etc. . . .), que, depois de assados, se conservam longo tempo em barris cheios de banha, nos quais são exportados (C.M., V., 19) (Cin.).

FAZER SERTÃO. Diz-se da caça que foge muito, pelo mato a dentro (Cin.) (Bras.).

* **FERIDA.** Lugar em que se procuram refugiar as aves perseguidas pelos rapaces (D.F.F., I, 21) (Falc.).

* **FERRAR.** Ser amarrada. Ficar a perdiz quêda no campo, debaixo do olhar do cão (Cin.).

* **FERVER.** Diz-se que a acuação *ferve* quando ela chama a atenção dentro do mato, pelos latidos dos cães e urros da fera (P.C. 170 e *passim*) (Cin.).

* **FIADA.** Cada uma das pequenas corridas que dá o perdigueiro antes de *amarrar*.

“Aos primeiros *reparos* dum dêles corra o outro e *confirmara-os*; seguiram-se as *mostras* e de “*fiada em fiada*”, até que chegaram à *parada* firme: a perdiz tinha *ferrado* (Z.A., 182).”

* **FICAR-SE.** Estacar o cão repentinamente, pressentindo a *eaça*.

“Os nossos perdigueiros, que as vinham *tirando a ventos* (as perdizes), ... iam-se “*ficando*” (Z.A., 119)” (Cin.).

* **FILAR.** Prear. Agarrar com os dentes. Vide *Cães de Fila* (Cin.).

* **FIRME.** Chama-se um *firme*, no sul de Mato Grosso, a qualquer pedaço de terra

mais alta e que não é atingida pelas águas durante as enchentes (P.C., 38).

* FLECHAS OU FRECHAS. Setas. Armas dos índios. Fabricavam-nas com ligeiras modificações, conforme eram destinadas à caça, à pesca, ou à guerra. Para a caça usavam-nas lançar, tanto com o arco, como com a *zarabatana* (*uamiri*).

Fojo. “É uma fossa de um metro de diâmetro e dois de profundidade; cuja bôca é dissimulada com ramos flexíveis e leve camada de terra; a caça, ao passar despercebida, cai ao fundo do fojo e aí é morta ou apanhada viva. Em muitos são colocados abatizes, pedaços de madeira dura, de pontas aguçadas, fincadas no fundo com as pontas para cima. Aí a caça encontra quase sempre a morte.

Para os tatús, que em algumas regiões causam graves prejuízos à lavoura, os roceiros usam o fojo com as paredes e fundos revestidos de paus roliços e bôca a descoberto. Basta colocar dentro uma carniça qualquer, para que os tatús aí vão caindo,

um atrás do outro, sendo apanhados muitos de uma vez (B.A., 9)" (Cin.).

* **FRALDIQUEIRO.** Cão que não presta para caça, devido a ter sido criado com excessivo mimo e conforto, o que lhe diminui as qualidades de resistência necessárias (Cin.).

* **FRECHAR.** Ferir ou matar com a flecha.

* **FUÃO.** Vide *Furão*.

FULMINANTES, CÁPSULAS. O mesmo que *Espolétas*.

FURÃO. *Putorius furo*. Pequeno carnívoro, semelhante a um cãozinho, empregado em Portugal e outras nações da Europa para *desentocar* os coelhos. A caça com o furão é proibida por alguns países.

* **FUSTELA.** Instrumento de ferro que corta por pressão rodela de papelão, destinadas a flechar os *cartuchos* (Cin.).

G

* **GALGOS.** Raça de cães caracterizada pela cabeça estreita, focinho comprido, corpo longo e muito mais delgado na região abdominal do que na torácica, pernas longas e finas. São empregados para correr as lebres. Diana, a Caçadora, deusa da mitologia greco-romana, é representada perseguindo veados com galgos.

GANIR. Vide *Ensaíar* (Cin.).

* **GARCEIRO.** Falcão especializado na caça das garças. Para tal fim eram os melhores os *gerifaltes* e os *nebrís*, provenientes do Norte da Europa.

* **GARGANTA.** Porta. Portela. Bocaina. Espaço estreitado entre morros, pelo qual um vale se comunica com outro.

Caçador *garganta* é o que se gaba de proezas que não praticou (Bras.).

(1) **GAVIÕES.** Aves de rapina, da família dos *falconídeos* ou *acipitrídeos*, outrora empregados na caça de altanaria. O Gavião comum

da Europa é o *Accipiter nisus*. Não só esta espécie como outras próximas eram treina-
das para a caça de aves pequenas, perdizes,
codornizes, e, às vêzes até, para a de lebres.

“Têm as mãos compridas e delgadas e os dedos da mesma feição (D.F.F., I, 29).”

No Brasil há muitas espécies de Gaviões; sem falar no maior, o Gavião-Rei (*Harpya destructor*), temos o Gavião-Pombo verdadeiro (*Ictinia plumbea*), o Açor brasileiro (*Hyperthothes cachimans*), os Caracarás (*Polyborinos*, *P. Brasiliensis*, *P. vulgaris*), os Quiriquiris (*Tinnunculus sparverius*), e muitas mais espécies, entre elas os lindos *Leucopternis* (*L. superciliares*, *L. melanops*, *L. albicollis*).

Apesar dos votos de Varnhagen, não nos consta que se tivesse feito aqui nenhuma tentativa de amestramento dêsses rapaces para a caça.

Um tio-avô meu, fazendeiro em Arauama (E. do Rio), possuía um gavião domesticado, e que era (parece inacreditável!) o guarda do seu galinheiro.

GERIFALTE. Nome de várias espécies de falcões originários dos climas frios (Suécia, Noruega, Islândia, Groenlândia), de porte mais avantajado que o dos demais, e considerada a mais nobre dentre as aves falcoeiras. A espécie mais comum era o Gerifalte branco da Noruega (*Hierofalco candicans*), tribo dos *falconides*, fam. dos *acipitrídeos*.

Diogo Fernandes Ferreira alude à um gerifalte branco levado do Brasil ao Infante D. Luís, filho do rei D. Manuel; pela breve descrição que dá, parece tratar-se de um exemplar de qualquer espécie do gênero *Leucopternis*, quiçá o *L. albicollis*.

Os gerifaltes eram excelentes *garceiros*.

Goso. Cão ordinário, muito mestiçado. “Que não caça (H.S., C.C., 261)” (Cin.). Todavia, a maior parte dos cães empregados para a caça no interior do Brasil se compõe de *gosos*, isto é, de cães sem raça definida.

* **GROSAR.** Raspar a gordura do couro da onça.

Pode-se praticar esta operação logo depois do couro enquadrado, ou após o *batismo*. Vide *Batizar* (P.C., 139) (Cin.).

GROTA. Grotão. Depressão do terreno com vegetação cerrada e pedras. Serve de abrigo e refúgio a grandes animais.

GUARDA-MATO. Arco metálico que, na parte inferior das coronhas, protege os gatilhos contra os choques involuntários.

* GUARNECER. Ataviar a ave falcoeira para levá-la à caça, isto é, pôr-lhe o *caparão* e as *pioses* nos *sancos* (Falc.).

* GUAÍACA. Embornal. Bôlsa, em que se transportam os *cartuchos*, *pios*, etc., quando em excursão venatória (B.A., 38-39).

* GUEIRREIRO OU GRUEIRO. O falcão especializado na caça dos grouis.

Treinavam-se para tal os *bafaris*, *bor-nis*, *tagarotes*, *alfaneques* e *sacres* (Falc.).

H

* HALALI! Vitória! Interjeição de triunfo que soltam os caçadores quando o

animal perseguido faz os últimos esforços para escapar aos cães. Também se dá este nome aos latidos mais fortes, e como que alucinados, com que a matilha traduz o seu contentamento por se sentir prestes a abocanhar a caça (É termo francês aclimado entre nós pela falta de expressão vernácula correspondente).

Ex.: “E o toque descia, se aproximava, cerrado, ruidoso, num crescendo de *halalis* (H.S., C.C., 125).”

I

ICHÓ. Armadilha em forma de alça-pão para apanhar pequenos animais e galináceos selvagens.

IGAPÓ. “Mato alagadiço, pedaços das florestas invadidas pelas águas dos rios nas enchentes; mata dentro d’água; pântano no qual crescem as árvores, ou pântano no meio da mata e não qualquer pântano (H.S., C.C., 261)” (J.V., 100, 107, 111).

* INSETO. Assim se qualificam, em alguns lugares do norte do Brasil, as feras indígenas (R.S., 237).

IR DE ALCANCE. Diz-se “quando o cão segue a caça muito atrasado, tendo esta já se afastado dali há algum tempo (J.P.S., 91)” (Exp. de São Paulo).

* **ISCA.** Engôdo. Alimento preferido pelo animal que se deseja capturar e se coloca próximo ou sôbre a armadilha.

* **ISCA !.** Interjeição usada para açular os cães.

* **Iscôo !.** Isca ! Pega ! Agarra ! Interjeições usadas para lançar o cão sôbre a caça.

J

* **JACARÉ.** Marca de facão de mato muito usado pelos sertanejos de São Paulo (B.A., 11) (Cin.).

JIRAU. “Estrado de madeira roliça que os caboclos fazem sôbre galhos de árvores, ou quatro paus fincados, geralmente sôbre um *barreiro*, que as caças freqüentam, atraídas pela natureza salitrosa do solo. Duran-

te a noite, ficam em cima à espera da caça que matam daí, passando a noite a salvo da surpresa de alguma onça pintada (B.A., 11)" (Cin.).

JUQUIÁ. "É um grande balaio raso, de taquaras, tendo uma pequena porta ao lado. Pôsto de bôca para baixo, coloca-se na porta uma esteira de taquarinhas flexíveis, preparadas a canivete, e trançadas ou amarradas a barbante em duas travessas de taquara resistente. Dá-se à esteira a forma de uma telha, de modo que a entrada para o juquiá fique franca; na extremidade que fica para dentro do juquiá, as taquarinhas formam um feixe emaranhado. As aves, como macucos, jacús, urús, nhambús, etc., cevadas antes de se colocar a rêde (fio se chama na roça), penetram pela bôca da esteira, levando com o próprio esforço as taquarinhas, e penetram arrastando-se na prisão de onde não mais podem sair porque, cada vez que tentam fazer, encontram as pontas agudas das taquarinhas que as detêm no intuito da fuga. No juquiá apanham-se bandos intei-

ros de jacús, urús, e muitos macucos e nhambús (B.A., 10-11).”

L

LAÇO. “Armadilha que consiste numa vêrga prêsa a uma corda, cuja extremidade se liga a um penguelete, especado no pique, em entalhe feito numa forquilha, onde se coloca o engôdo (H.S., C.C., 261)” (Cin.).

LAÇO. Longa corda, em que uma das extremidades desliza por um nó corrediço feito na outra. É arma empregada pelos peões para pegar o gado. Por extensão, pode ser também utilizada na caça de animais velozes, como os veados campeiros e as emas, estando o caçador a cavalo. É exercício que demanda muita pericia e coragem, eis porque Varnhagen considerava o laço arma lícita (pág. 34).”

* **LACRANAR.** Ferir. Sangrar. Dilacerar. Diz-se das feras em relação aos cães de caça.

Ex.: “Os queixadas, enfurecidos, rodearam o pobre *Foauete*. *lacrando-o* horripelmente.”

LAZARINA. Velha espingarda de pederneira, fabricada por um célebre armeiro de Brescia, do século XVII, de nome Lazarin Comminazo.

Em meados do século passado ainda havia no Brasil quem apreciasse as *lazarinhas*, adaptadas, naturalmente, ao sistema das cápsulas fulminantes (V., 24; H. S., C.B.C., 18).

LEBRÉUS. Cães provenientes do cruzamento de galgos com cães de fila, que saem com dentadura desses últimos. São empregados na caça das lebres (V. 46).

LEVANTAR. Encontrar a caça e fazê-la pôr-se de pé, correndo em sua perseguição. Diz-se dos cães.

Ex.: Hoje a minha matilha *levantou* um veado (Cin.).

LEVANTE OU LEVANTO. A ação de *levantar* (Cin.).

LOBEIRO. Caçador de lobos.

M

MACEGA. Campo em que abundam gramineas herbáceas e pequenos arbustos (Bras.).

* **MACHARRÃO.** Nome corrente em Mato Grosso para designar o mais corpulento macho de onça da região, ao qual todos os mais respeitam (P.C., 39 e *passim.*).

MALHO. Correias com que se prendem guizos ou cascavéis nos pés da ave falcoeira (D.F.F., I, 19) (Falc.).

* **MANCHA.** Ilhota de mato que se deixa no meio de um campo cultivado, e que serve de asilo à caça (Cin.).

“Emprazar um javali, fazê-lo sair da *mancha*, esperá-lo de cara . . . , é um prazer (Z.A., 17).”

MANCHIL ou **MANGIL.** Faca de mato que se leva à cintura, em bainha de couro. Vide *Jacaré*.

* **MANTENA.** Forte. Corpulento. Resistente. Desenvolvido. Assim se qualificam em São Paulo os animais de caça, difíceis de acuar e resistentes à carreira e ao tiro.

“... O velho Chico Leite, caçador de fama, achou que seria uma perrengue matar ali assim, acuado no poço, um animal *mantena* como aquêlé que vinha há mais de uma hora acoçado pela sua guapa canzoada (H.S., C.C., 125).”

* MÃO. Pé das aves falcoeiras (D.F.F. I, 19) (Falc.).

MASTIM. Cão de pastôres, destinado à guarda do gado.

Na Europa há raças especiais, entre elas a dos *policiais, belgas e alemães*, os *collies* (Inglaterra). Os *policiais alemães*, raça porventura cruzada de lobo, são empregadôs para a caça a êste animal nos países da Europa Central.

No Brasil, a par das raças especiais, empregam-se quaisquer outros cães, mesmo *gosos*, desde que para tal ensinados. No Rio Grande do Sul consta-me que se prepara um cão para a guarda das ovelhas retirando-o da ninhada antes de abrir os olhos e dando-o a criar a uma ovelha. O cão cresce no meio da carneirada e se afeiçoa de tal modo

a êsses animais, que julga seus semelhantes, que se constitui defensor espontâneo e dedicado do rebanho.

* MATALOTAGEM OU MATULA. Comestíveis já preparados que se transportam nas excursões venatórias e outras.

* MATINAR. Levantar-se o caçador pela madrugada, com o falcão faminto, a fim de ir à caça (D.F.F., I, 20) (Falc.).

MATIRÍ. Embornal. Saquitel feito de fibras vegetais, que serve para guardar instrumentos de caça e pesca (T. amazônico)

MENTIR. Vide *Ensaíar* (Cin.).

* MESTRE, CÃO. O que é capaz de, por si só, farejar o *rasto* e levantar a caça arrastando após si tôda a *cachorrada*. Geralmente adquirem essa habilidade após treino de dois anos em uma só espécie venatória.

* MIMETISMO. Recurso de defesa de certos animais, que, para se disfarçarem, tomam a côr do lugar em que estão, escapando dêsse modo aos seus perseguidores; ou, inversamente, escolhem para refúgio

um terreno de coloração semelhante à sua pele ou plumagem. Mimetismo do primeiro tipo é o dos cameleões; do segundo, o da cadorna, que, estando *amoitada*, de tal modo se confunde com a terra, que passa despercebida.

* MÔCHA. Espingarda, cujo mecanismo da culatra não tem câes e percussores visíveis exteriormente (Cin.).

* MOÇO DE MONTE. Caçador. Monteiro Auxiliar assalariado das excursões cinegéticas (Exp. portugêsa). Vide *Camarada*.

MOLOSSO. Alão. Cão de fila, que pode ser aplicado à caça das feras do nosso país: onça pintada (*Felis onça*), canguçu (*F. Canguçu*), e suçuarana (*F. concolor*).

MONDÉU ou MUNDÉU. Arataca.

Para apanhar os animais, sobretudo os tigres, usavam os índios de armadilhas ou *mundéus*, onde, ao irem êles a entrar, lhes desandava em cima um grande tronco d'árvore (H. G., I, 118)."

* **MONTADO.** Diz-se do animal doméstico ou domesticado que, fugindo para o mato, cai no estado selvagem (Cin.).

São freqüentes, nas fazendas do Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso e outros Estados, as caçadas de porcos montados, pois muitos proprietários preferem criar dêsse modo os suínos, por lhes sair menos dispendiosa a indústria.

Os cães *baguás* ou *chimarrões* do Rio Grande do Sul são animais montados.

À mesma categoria pertencem os búfalos, que, na ilha de Marajó, são objeto de expedições cinegéticas.

* **MONTANTE, VÔO.** É o inicial da perdid, antes de *encastelar*. Se se quiser abatê-la nessa fase, deve-se visar acima da cabeça da ave.

O vôo montante da narceja é irregular, cheio de ziguezagues; o do faisão, quase vertical.

MONTARIA. Nome dado no Brasil Central e na Amazônia às canoas empregadas na navegação fluvial (Bras.).

Também é sinônimo de caçada de animais de pêlo (T. port. ant.) (Cin.).

MONTEAR. Caçar em lugar selvagem, fazer montaria.

* **MONTEIRO.** Caçador. Os reis e grandes senhores possuíam, com êste nome, empregados que lhes preparavam o terreno para as caçadas. O cargo de *monteiro-mor* era uma função honorífica muito apreciada e exercida sempre por um grande vassallo da côrte.

MONTERIAS. “Caçadas, que se fazem em grandes distritos, cercando-os todos e indo batendo e apertando para o centro ou para um lado (V., 134).”

* **MOSTRA.** Parada. O ato de o cão ficar quêdo, olhando para a perdiz agachada.

* **MUDA.** Casa em que se recolhem os falcões na época de mudança das penas (D.F.F., I, 21) (Falc.).

Época em que se faz a mudança das penas, fase crítica na vida das aves.

MUTÁ. Corresponde mais ou menos ao *jirau* ao palanque, com a única diferença de que se arma à beira do rio para fisgar o peixe ou atirar a animais e aves ribeirinhas (J.V., 73, 101, 111) (T. amazônico).

N

* **NA BUCHA.** Junto ao caçador. Diz-se que levantam *na bucha* aves como o narcejão, que só quando o atirador chega perto é que alçam o vôo.

* **NA CATINGA.** No cheiro. No rasto (Exp. de Goiás).

Ex.: A onça vem *na catinga* dos porcos do mato (Cin.).

NA FUMAÇA. Diz-se que a fera vem *na fumaça* quando salta malferida sobre o caçador desastrado que não a conseguiu abater com o primeiro tiro, em alusão à rapidez do revide, que nem dá tempo à fumaça de se dissipar (Cin.).

NEBRI. O Nebri era certamente uma variedade do *Falco peregrinus*, nativo das

regiões nórdicas, mas Diogo Fernandes Ferreira englobou nessa designação outra espécie, proveniente das Índias de Castela (América Central, Antilhas), “do mesmo talhe e feição dos de Noruega”, e que provavelmente seria o Gerifalte ou Açor do México.

NEGAÇA. Vide *Rol* (Falc.).

NEGACEAR. “Emprestar e atrair à caça (H. S., C. C., 262).”

NHATO. O que tem a mandíbula inferior mais saliente que a superior. Aplica-se este qualificativo ao veado *camocica*. Em São Paulo também se aplica às pessoas. Corrutela de prógnato?

* NINHEGO. É o falcão criado desde pequeno pelo homem (D.F.F., I, 22) (Falc.).

NORUEGAS. Frio. Sítios sombrios e de baixa temperatura; que a caça geralmente abandona pelos mais resguardados (Cin.).

O

ÓGEA. Pequena ave de rapina empregada, se bem que raramente, na *Altanaria*:

Não preavam, agiam apenas pela presença, paralisando, com o temor que suscitavam, os pássaros pequenos, como, *v. g.*, a calhandra (D.F.F., I, 51).

ONCEIROS. Cães *aplicados* à caça das onças. Os cães de fila devem prestar-se a isso admiravelmente. Os onceiros do Brasil parecem provir do cruzamento de *perdi-gueiros* com os nossos *veadeiros*.

* ORGULHO. “é soberba da ave, o qual toma se a não trazem na mão, e lhe dão de comer demasiado, e de aves agrestes (D. F.F., I, 21)” (Falc.).

* OVEIRO. Ânus das aves falcoeiras (D.F.F., I, 19) (Falc.).

P

PAQUEIROS. Cães amestrados na caça às pacas. Quaisquer cães pequenos e ágeis podem ser *aplicados* a essa caça, mas os melhores para *desentocar* tais roedores são os podengos, entre nós denominados *per-nas-tortas*.

* PARADA. Mostra. O ato de o perdi-gueiro mostrar a caça (Cin.).

* PARADOX. Tipo de espingarda com cano estrangulado (*cloke*), e raiado no estrangulamento, a fim de dar maior precisão ao tiro de bala.

* PÁRAMOS. O mesmo que *estepes*. Grandes planícies de terrenos secos.

* PARAR. Amarrar. Mostrar a perdiz (Cin.).

PASSADOR. Vide *Cilada* (Cin.).

PASSAREIRO OU PASSARINHEIRO. Caçador que se especializa em pequenas aves (Cin.).

* PASSARINHAR. Caçar passarinho e pequenas aves (Cin.).

* PASSAR-SE. Mudar a perdiz, que está *amarrada*, de lugar.

“Parece-me que já se *passou* e está ao cão (Z.A., 182)” (Cin.).

* PASTARIA. Pasto. Campina (T. paulista).

* **PÉ FINO.** Falta de sorte na caça. Caçador de pouca sorte (gíria do Espírito Santo).

PEDERNEIRAS. Pedra silícica em que, nas antigas armas de fogo, batia o *cão* para tirar as faíscas que incendiavam a pólvora das *escorvas*.

PEITAVENTO. De frente para o vento, cujas lufadas se recebem de peito. É como se deve marchar ao encontro de certas caças de grande faro (caititús, queixadas), a fim de não ser pressentido à distância.

PELUDOS. Cães de pêlo abundante e longo, às vezes encaracolado. Os cães d'água ou cães de busca legítimos têm êsse pêlo.

* **PENAS.** Chamam-se, nas aves de rapina, *Penas Reais* às *rêmiges externas*, *primárias* e *bastardas*, às mais longas de tôdas; *Partidouras*, às *rêmiges secundárias* e *Escapulares*, às mais curtas, localizadas para dentro, entre as *penas reais* e a axila; *Aguarderas*, às *tectrizes* que cobrem tôda a asa; e *Coberteiras* ou *Cunhas*, às que cobrem especialmente a base de implantação das pe-

nas reais, e servem para proteger-lhes o desenvolvimento (D. F. F., I, 18-19).

PENEIRAR. Adejar. Pairar. Plainar (a ave) sem afastar-se do local (Cin.).

PERDIDA. A perda, pelos cães, do rasto da caça (Cin.).

* PERDIGÔTO. Chumbo de diâmetro apropriado à caça de perdizes. Também significa grãos de chumbo, em geral (Cin.).

* PERDIGUEIRO. Falcão especializado na caça da perdiz. Os *Bafaris* do Mediterrâneo eram excelentes para essa caça, e do mesmo modo os *Açôres*, dos quais a perdiz era a *ralé* predileta.

PERDIGUEIROS. Raça de cães próprios para a caça das perdizes, cadornas, codornizes e narcejas. Há os que farejam de focinho baixo, *de rasto* (*setters*, dos ingleses), provenientes de raças ibéricas, de pêlo longo, e os que o fazem de focinho alto, *ventores* (*pointers*, dos ingleses), e que são hoje em dia os mais estimados. O Dr. João Nogueira Penido cria magníficos *pointers* em

sua fazenda nas proximidades de Juiz de Fora.

PERNAS-TORTAS. Cão pequeno, de corpo comprido, pernas curtas com os pés voltados para fora; pêlo curto, preto ou pardo; cauda curta, terminada em ponta fina voltada para cima; focinho fino; cabeça comprida, larga atrás; orelhas grandes e caídas; marcha ondulante. Esses cães são excelentes *paqueiros*, não só pela pequena altura que os torna capazes de entrar nas *tocas*, a fim de atacar e fazer espirrar as *pacas* e *cutias*.

Os franceses os chamam *bassets*. e os alemães *dachshund* (Cin.).

* **PERRENGUICE.** Lerdeza. Falta de técnica na caçada. Processo pouco recomendável, pouco desportivo de abater a caça (É termo de giria, de origem africana; seu significado se aproxima do da palavra francesa *braconnage*, que não tem correspondente na língua portuguesa).

Ex.: O velho Chico Leite, caçador de fama, achou que seria uma *perrenguice* matar ali assim, acuado no poço, um ani-

mal; mantena como se lhe afigurava aquê-
le... (H.S., C.G., 125).”

* PEUGADA. Pegada. Rasto (Cin.).

* PEXOTE. Pouco hábil. Sem grande ti-
rocínio. Bisonho (Bras.).

* PIAR. Atrair as aves selvagens imi-
tando-lhes o canto no cio, quer simples-
mente com a bôca, quer com o auxílio de
pequenos instrumentos chamados *pios* —
(Cin.).

* PIARA. Vara de porcos do mato
(queixadas ou caititús).

* PICADA. Caminho estreito. Pode ser
aberto pelo facão ou machado do caçador,
e também pela passagem de animais corpu-
lentos como a anta, por exemplo.

* PICADAS. Bicadas que os caçadores
fazem dar às aves falcoeiras em um pedaço
de galinha ou coração de boi mantido entre
os dedos da sua mão enluvada, afim de *de-
ceiná-las* (D.F.F., I, 21) (Falc.).

* PICA-PAU. Espingarda ordinária, de
carregar pela bôca, muito usada pelos ha-
bitantes do interior de poucos recursos.

Por extensão dá-se êste nome a qualquer arma de caça reputada de má qualidade.

* **PIOS.** Instrumentos semelhantes aos apitos e assobios, feitos de madeira, osso, chifre ou metal, e que imitam, quando manejados com habilidade, o canto das aves no cio. Estas, atraídas pelo suposto companheiro, são vítimas do caçador *atocaiado* (Cin.).

PIÓS. Correias com que se prendem pelos tarsos ou *sancos* as aves falcoeiras nas mãos dos caçadores ou nas *alcândoras* (D.F.F., I, 19).

Ex.: “Vá com êles à caça o açor, mas nas suas *pioses* (VIEIRA, *Sermão de Santo Antônio*).”

* **PIRIZAL.** Terreno baixo, encharcado, recoberto de gramíneas e ciperáceas, das quais a mais comum nessa espécie de alagadiço é a tabua (*Cyperus giganteus*).

* **PLUMADA.** Bôlo vomitado pelas aves de rapina pela manhã, e composto de frag-

mentos não digeridos de penas e ossos das aves em que se *cevaram*, ou *ralés*. (D.F.F., I, 19) (Falc.).

* **POÇO.** Lugar fundo de um curso d'água onde procuram refúgio as antas e outros animais quando perseguidos pelos cães (Cin.).

PODONGO. Cão de pequeno porte.

* **PÔLO.** Ave de rapina ainda nova, com menos de um ano (D.F.F., I, 21) (Falc.).

PÓLVORA. Explosivo. Mistura inflamável, de combustão mais ou menos rápida, capaz de produzir uma massa gasosa muitas vezes superior ao volume do combustível, e cuja força expansiva é utilizada nas armas chamadas *de fogo* para a propulsão dos projectis.

Há pólvoras chamadas negras, explosivos de combustão incompleta, cuja base é um carvão leve (de *tília*, choupo, *imbaúba*), o enxôfre, e o salitre (azotato de potássio); e as pólvoras *piroxiladas*, de combustão total, também chamadas *sem fumaça*, em que

a percentagem de carvão e enxôfre é reduzida, ou, mesmo, eliminada, sendo substituída por combinações químicas de descoberta recente; nitrocelulose (algodão-pólvora) nitroglicerina (dinamite), etc.

POLVORINHO. Frasco ou recipiente de metal em que é conservada a pólvora ao abrigo da umidade. Para a carregação das armas de vareta há polvorinhos especiais, de chifre, que se transportam presos à cinta, e têm graduação para as cargas.

* **PONTA D'ASA.** É a posição em que se apresenta a ave quando se desloca aproximando-se do caçador em vôo oblíquo. Vê-se um pouco à frente da caça.

* **PORTA.** Caminho apertado. Desfiladeiro. Lugar por onde se espera que saia a caça (Cin.).

* **PORTELA.** Vide *Garganta*.

* **PORUNGOS.** Grandes cabaças, consistentes em frutos secos de algumas espécies de *cucurbitáceas*, a *Crescentia cujete* e as *Lagenarias*, utilizadas, da maneira seguinte, nas caçadas de patos e marrecos:

Nas lagoas em que costumam pousar essas aves, deixam-se flutuando, durante vários dias, alguns dêsses recipientes, até que os animais se familiarizem com o seu aspecto. Vai então o caçador, pela madrugada, com a cabeça metida dentro de uma cabaça semelhante, com dois furos na altura dos olhos, meter-se no meio dêles, caminhando dentro do charco com o corpo mergulhado. Em chegando ao ponto em que estão os palmípedes, agarra-os um a um pelos pés, e lhes vai torcendo o pescoço sob a água para impedir que com os gritos espantem os demais (C.M., V., 20).

Este processo de caçada, usual no interior do Brasil, é também empregado na China, segundo nos informa REGINALD BOSWORTH SMITH no seu livro *Bird Life and Bird Love* (Apud JAVIER DE ORTUETA, *Notas de caza de aves en Castilla, Madrid, 1934, pág. 69-70*),

* Pouso. Poleiro. Dormida. Lugar em que as aves selváticas se alojam para passar a noite.

* **PREAR.** Agarrar com os dentes e unhas (cães e carnívoros selvagens); com o bico e garras (aves de rapina)

* **PRÊSA.** Animal capturado pelas aves de rapina e animais carnívoros (Cin.).

PRIMA. Fêmea das aves falcoeiras (D. F. F., I, 17) (Falc.).

Eram as *primas* preferidas aos terços ou machos, por serem de maior porte e mais agressivas do que êstes. Um provérbio castelhano dizia: *Ave terzuela ni mata, ni vuela.*

* **PRISÃO.** A prêsas das aves falcoeiras (D. F. F., I, 21) (Falc.).

* **PROVÉRBIOS.** Reuni os seguintes sobre caça e caçadores:

De má mata nunca sai boa caça.

Quem quiser caça vá à praça.

Quem porfia mata caça.

Nem moça boa na praça, nem homem rico por caça.

Para ir à guerra, ou caçar, não se deve aconselhar.

Não é regra certa matar com besta.

Se caçares, não te gabes, e, se não caçares, não te enfades.

Guerra, caça, e amôres, por um prazer cem dores.

Bom cão de caça até à morte dá ao rabo.

Cão que muito ladra, para a caça nunca é bom.

Cão azeiteiro, nunca bom coelheiro.

Quem não tem cão caça com gato.

Um dia é da caça, o outro do caçador.

Rapôsa, que muito tarda, caça aguarda.

Em janeiro, nem galgo leboreiro, nem açor perdigueiro.

Açor e falcão, na mão.

A donzela e o açor com a espada ao sol.

Andar com furão morto à caça.

À porta do caçador, nunca grande monturo.

Mal haja o caçador que gasta a vida com um pássaro.

Mentiras de caçador são as maiores.

Sêde de caçador, e fome de pescador.

PULADOR. Vide *Cilada* (Cin.);

Q

* **QUADRO.** Armação de madeira destinada a esticar e estaquear o couro de onca (Cin.).

* **QUEBRAR D'ASA:** Diz-se da ave que bruscamente muda a direção do vôo.

* **QUEIMADA.** Incêndio de uma mata ou capoeirão a fim de preparar o terreno para a cultura ou obter carvão. O terreno em que se faz a *queimada*. Este recurso bárbaro para conquistar terras aráveis, infelizmente muito usado no interior do Brasil, pode ser também empregado, quando o terreno apresentá disposição favorável, como processo de *batida*.

* **QUERENÇA.** Lugar em que as aves de arribação costumam criar os filhos (D. F.F., I, 19) (Falc.).

R

RBAVENTO OU **RABIVENTO.** De costas para o vento. Quando se marcha ao encontro

da caça nessas condições, o faro e ouvidos apurados de certos animais pressentem o caçador de longe.

Para evitar, quando possível, êste inconveniente, o caçador, que pressentiu numa mata, *v. g.*, uma vara de queixadas, pelo bater de dentes característico, risca um fósforo, e, pela posição da chama, logo vê se pode continuar de frente, ou se é necessário contornar o bosque para aproximar-se da caça em sentido contrário ao do vento.

Outro processo consiste em molhar um dedo na saliva e expô-lo ao ar, que arrefecerá primeiro o lado de onde soprar o vento; outro ainda, em atirar para o ar um punhado de palha miudinha, pó de serragem ou outro qualquer, que será arremessado na direção do deslocamento do ar (V., 63).

RABICÓ. Sureco. Aplica-se exclusivamente aos animais de pêlo.

RABOLEIRA. “Moita circular de qualquer vegetação, que sobressaia a qualquer outra que a rodeie (H.S., C.C., 263)” “Lugar em que as caças se amoitam (JÚLIO RIBEIRO).

RAFEIRO. Cão de guardar gado.

RALÉ. Vítima preferida pela ave de rapina, ou com a qual o caçador nutre regularmente uma ave falcoeira, a fim de adestrá-la na respectiva caça (Falc.).

A ralé preferida do falcão é a pomba; do açor, a perdiz; dos gaviões, os pássaros pequenos e os pintos (D.F.F., I, 21),

RASTO. Marcas no solo deixadas pela passagem dos animais.

Cães de rasto. Os que farejam a caça de focinho baixo. Os perdigueiros, a que os ingleses chamam *setters*, pertencem a essa classe.

* **RATOEIRA.** Armadilha de molas metálicas destinadas a capturar, vivos ou mortos, os ratos e outros animais daninhos, tais como coelhos, gambás, rapôsas, etc., grandemente prejudiciais à agricultura e à criação doméstica.

REAL, TIRO. Tiro vertical. Disparo que se faz quando a ave, voando em sentido contrário ao caçador, passa por sobre a sua ca-

beça. Visa-se verticalmente, bastante adiante da ave.

Bernardo José de Castro (*Tiro ao Vôo*, 1925, pág. 168) contesta a opinião que atribui o nome de *tiro real* a esta modalidade de disparo, ao fato de ter sido a maneira predileta de atirar do monarca Carlos IX. Acha êle, a meu ver com razão, que o étimo vem do francês *coup droit*, tiro reto, tiro vertical, que soa de modo análogo a *coup du Roi*, tiro do rei, ou *real*.

RECHEGO. Tocaia. "Refúgio de caça. Lugar escondido entre junco ou ervas para espreitar as adens (O. S., 243)."

RÊDE. Armadilha usada para aprisionar aves de rapina, e capturar grandes bandos de pombos e outras aves pequenas. Na Europa é comumente usada para guerrear os pardais que destroem as sementeiras, e também as aves de rapina (*Rêde de tømbo*) (Cin.).

* RÊDE. Saco de cânhamo, de malhas largas, usado a tiracolo, em que o caçador transporta as aves que abateu (Cin.).

REGOUGAR. “Voltar o cão a cauda sobre as ancas como a rapôsa (O.S., 244).”

* **REMONTADOR.** O mesmo que velho, enganador. Diz-se do veado que, fazendo *samicas*, consegue despistar os cães (Cin.).

* **REMONTAR.** Alçar-se muito no vôo. Elévar-se a grandes alturas após ter planado baixo.

* **REMOSO.** Animal cuja carne provoca erupções na pele de quem a come. As capivaras, antas, e numerosos peixes estão nesse caso (T. do interior do Brasil).

* **REPAROS.** Sinais dados pelo perdigueiro de estar vendo a perdiz.

RESVALAR. Deixar o rasto da caça, correndo em outra direção; “É próprio dos cães fogosos, de pouco faro (J.P.S., 92)” (Cin.).

* **REVOADA.** O vôo de uma nuvem de aves.

REVÓLVER. Arma de fogo, de cano curto, empunhável com uma única mão, com mecanismo de repetição para cinco ou seis tiros, tendo os projetis dispostos em um cilindro perfurado longitudinalmente na periferia (tambor). A cada puxada do gatilho movimenta-se o percussor, disparando um tiro, e gira o tambor apresentando ao cano um novo projétil. Leva-se à cinta e utiliza-se na caça para a defesa pessoal.

* **RIFLE.** O mesmo que *Carabina* (T. inglês aclimatado). A pronúncia popular é *refle*.

* **RODEIO.** Tocaia. Espera (T. de Pernambuco).

ROL. Negaça. Manequim representando uma galinha, sôbre o qual se costuma dar de comer aos falcões, e que se agita no ar sôbre uma vara, para atrair estas aves quanto *sopêsam* (D.F.F. I, 21) (Falc.).

S

SABUJOS. Cães provenientes do cruzamento de *perdigueiros* com *galgos*. Segundo Varnhagen os nossos *veadeiros* são sabujos.

* **SACA-ESPOLÊTA.** Instrumento destinado a retirar dos *cartuchos* as *espolêtas* deflagradas. Existem de vários tipos e modelos.

* **SACA-TRAPO.** Espécie de saca-rôlhas destinado à limpeza dos canos de espingarda de antecarga. Vide *Vareta*.

SACRE. Espécie de falcão do gênero *Hierofalco* (*H. sakers*), originário da Escandinávia, menor um pouco que o gerifalte comum (*H. candicans*). São bons *garceiros*, *grueiros*, e *milhaneiros*.

O sacre da Romênia, a que alude Diogo Fernandes Ferreira, seria, provavelmente, a espécie asiática (*H. andersoni*), muito empregado na Pérsia e levado para os Balcãs pelos turcos.

* **SÁFARA.** É a ave falcoeira apanhada já na idade adulta (D.F.F., I, 22). (Falc.).

SALITREIRO. Terreno salitroso, muito procurado por certos mamíferos selvagens.

* **SALTOS.** Cós. Correia que vai do tor-nel às lágrimas ou contas (D.F.F., I, 19) (Falc.).

SAMICAS. Enganos. Velhacadas. Ardís que usa o veado para despistar os seus perseguidores (T. de São Paulo).

* **SANCOS.** Tarso escamoso das aves falcoeiras (D.F.F., I, 19) (Falc.).

SAPATEIRO. Qualifica-se assim o caçador inábil, que volta da excursão sem caça.

* **SARAIVADA.** Descarga numerosa e cerrada de chumbo ou balas.

* **SELADA.** Trecho em que a serra se rebaixa suavemente, à maneira do selim entre as proeminências da coluna vertebral da cavalgadura.

* **SETA.** O mesmo que *Flecha*.

SEVA. Vide *Ceva*.

* **SOCAIA.** Tocaia (Forma fluminense).

SOLAPÃO. "Toca na margem do rio, cuja abertura é muitas vêzes coberta pela água, e se prolonga pela terra de maneira a servir de refúgio, tendo muitas vêzes uma outra abertura em terra (J.P.S., 92)."

* **SOLTA, LUGAR DA.** Ponto em que se desatrelam os cães no rasto da caça.

SOLTADOR. Soltura. Sôlta. Lugar em que se desatrelam os cães no rasto da caça (Cin.).

SOLTURA. Vide *Soltador* (Cin.).

SOPESAR. Fugir a ave falcoeira com a ralé que preou (D.F.F., I, 21) (Falc.).

* **SOQUETE.** Cilindro de madeira dura, de diâmetro igual ao calibre interno do *cartucho*, destinado a empurrar e socar a *bucha*.

SURA. Que não tem rabo. Aplica-se exclusivamente às aves (Bras.).

SURECO. Animal que não tem rabo. É extensivo às aves. Ex.: A paca é um animal sureco; nhambu, também (Bras.).

T

TAGAROTE. Vide *Bafarl*.

* **TAPADA.** Couto. Vasta área cercada de muros, com bosques, campos, e água corrente, destinada à criação e preservação da caça para gôzo de particulares (Cin.).

A tapada de Vila Viçosa, que possuíam os Duques de Bragança, depois reis de Por-

tugal, era célebre pela grande quantidade de veados e javalis.

* **TAQUARAL.** Touceira ou moita de taquaras. O jacú é freqüentemente encontrado nos taquarais.

TERÇÓ ou **TREÇÓ.** Macho das aves falcoeiras (D.F.F., I, 17) (Falc.).

* **TÊSO.** Firme. Trecho de terreno nas proximidades dos grandes rios, que escapa à submersão mesmo nas grandes cheias, e onde se refugia o gado, assim como os animais silvestres (T. amazônico. Ilha do Marajó).

* **TIRAR A VENTOS.** Sentir o cheiro. Farejar (Exp. de Portugal).

“Os nossos perdigueiros, que as vinham *tirando a ventos*, (Z.A., 199).”

TOCA. Qualquer buraco, formado por pedras, aberto na terra ou em tronco de árvore, por animais (coelhos, tatús), ou pela natureza, e que serve de abrigo e refúgio para a caça. Podem ter uma única ou várias aberturas.

TOCAR. Correr. Perseguir a caça latindo (J.P.S., 92). Afugentar a caça na direção das esperas (Cin.).

TOCAIA OU TUCAIA. Lugar em que o caçador, escondido, espera a passagem da caça para atirar à traição.

TOCAIAR. Vide *Atocaiar*.

Tocó. Vide *Cotó*.

* **TOLHEDURA.** Excremento das aves selváticas (Cin.).

É pela tolhedura encontrada nos galhos baixos das árvores, ou no solo, que se descobre a *dormida* dos galináceos selvagens.

* **TOMBO, RÊDE DE.** Vide *Rêde*.

* **TOQUE.** Notas musicais tiradas da *trompa* ou do *clarim*, a fim de assanhar os cães. Música da *cachorrada* quando em perseguição da caça.

TORCIDO, CANO. O cano feito de chapas soldadas, torcidas, e caldeadas depois.

* **TRABUCO.** Nome corrente no interior para designar uma espingarda ou ca-

rabina quando usada em defesa pessoal, ou criminosamente.

Exs.: Fulano foi vítima do *trabuco* de um cangaceiro. — Com o meu *trabuco* na mão não tenho medo de ninguém.

* TRAMALHO. Espécie de armadilha a que se refere Varnhagen (pág. 17).

! Não encontrei este vocábulo nem em Moraes, nem em Cândido de Figueiredo, considerado o dicionário mais completo da nossa língua.

* TRAQUEJADO. Experimentado. Hábil. Diz-se de caçadores e cães.

TRAUTA. Rasto (T. port.)

* TRAVESSIA. Vau. Lugar pouco profundo de um curso d'água, por isso aproveitável para passagem de pessoas ou animais.

TREINAR. Exercitar a ave falcoeira na caça de determinada *ralé* (Falc.). Exercitar cães de caça (Cin.).

TRELA. Ajoio. Correntes curtas que servem para prender os cães pela coleira, dois a dois, e que tem o elo mediano desengatável. Grupo de dois cães *ajoujados*.

* **TREMEDAL.** Lameira. Lodaçal. Pântano. Atoleiro.

* **TRILHO.** Rasto de animais pesados, como, *v. g.*, a anta. Como êsse animal é de indole rotineira, quem dispuser de tempo e paciência pode esperar abater um exemplar postando-se de *tocaia* próximo a um trilho. *Trilheiro* (Mato Grosso).

* **TROCHADO, CANO.** O que é formado pelo enrolamento de uma barra de ferro em tórno do espetão cilíndrico, e caldeado depois (J. R., 65).

Esta maneira de forjar os canos aumenta consideravelmente a resistência à ruptura pela expansão dos gases provenientes da pólvora inflamada, e goza ainda hoje, entre as armas de antecarga, de merecido conceito.

Outra maneira de trochar os canos consiste em fazê-los de duas barras enroladas simultâneamente em tórno do espetão, em sentido contrário uma da outra, e cruzando-se de um e outro lado dêle; caldeando-se depois. A resistência dos canos obtida por

êste processo é ainda maior do que a resultante do anterior.

* **TROMPA.** Buzina, feita de metal e, mais freqüentemente, de chifre, com guarnições metálicas, utilizada para comandar os cães na caça, por meio de diferentes toques.

No nosso país é pouco usada, mas na Europa é considerada indispensável nas grandes montarias de veados, javalis e rapôsas, que se fazem com rigoroso cerimonial.

U

* **UÂMIRI.** "Seta feita da palmeira anajá e que é lançada pela *zabarata*. A parte posterior dessa pequenina flecha envenenada é envolvida numa bola de paina de sumaúna. É acionada pelo sôpro. Próprio para caça (R.M., II, 157)."

* **URUPUCA.** Vide *Arapuca*.

* **URUTACA.** Vide *Arataca* (Forma amazônica do termo).

V

VAQUEANOS. Qualificam-se assim os caçadores práticos, perfeitos conhecedores da região.

* **VARADOURO.** O mesmo que *Traves-sia*. Vau (Bras.).

* **VAREJÃO.** O mesmo que *Zinga*.

* **VARETA.** Acessório das armas de fogo de ouvido; consta de uma haste de metal, tendo uma das extremidades dilatada para socar a pólvora e a bucha no cano, e a outra terminada em saca-rôlhas (*saca-trapo*), destinada a arrancar as *buchas* e ao serviço de limpeza da arma mediante um trapo que leva prêso. Esta vareta acompanha a espingarda e guarda-se sob o cano, enfiada na coronha de madeira.

Vareta de limpeza é um vergalhão de ferro ou cobre, com uma das extremidades achatada e provida de fenda, e a outra terminada em um cabo de forma variável. Destina-se á limpeza dos canos de carabina e de espingardas de retrocarga.

* VEAÇÃO. Vide *Caça*.

VEADEIRO, CÃO. Empregado na caça aos veados. Na Europa há raças especiais para essa caça, tais como os chamados *cães de Santo Huberto*, por exemplo, e os *fox-hound* ingleses, dos quais o Dr. PAULA SOUSA, velho caçador paulista, importou exemplares, que, cruzados com os nossos veadeiros da velha raça, deram alguns bons produtos. Hoje o seu sangue está dinamizadíssimo nas nossas matilhas.

Os cães veadeiros do Brasil não têm raça definida. São gosos escolhidos dentre os que apresentam pernas longas e focinho fino e comprido. Há deles magníficos exemplares, que também se aplicam à caça das antas, porcos do mato e onças. Varnhagen julgava os veadeiros do Brasil provenientes do cruzamento de *galgos* com *perdigueiros*, opinião essa contraditada por Henrique Silva; o grande cinólogo Eurico Santos, no entanto, acha a hipótese varnhageniana mais provável do que a aventada pelo caçador goiano, pela qual os antepassados dos nossos cães seriam exemplares de raças france-

sas trazidas pelas expedições dessa nação ao Brasil durante os tempos coloniais (E.S., 189).

VENATÓRIO. De caça. Relativo à caça. dor. Função identica á de monteiro. O veador incumbia-se de organizar as caçadas para os soberanos e príncipes. Com o correr do tempo foi perdendo o carácter de assistente cinegético para se tornar um funcionário palaciano análogo ao camarista, incumbido de acompanhar nos passeios as pessôas da família real.

VEDA. Época em que, pela legislação de vários países, inclusive o nosso, é proibida a caça para as espécies animais, que estão com crias. No Brasil a época da veda é no comêço do verão.

VEIUDO, CÃO. De *veia*. O que tem dias em que é bom e outros em que não corre bem. "De ordinário tem unhas e côr diferentes (J.P.S., 91)" (Cin.) (Bras.).

VELHACADAS. Vide *Samicas* (Sin.).

VENATÓRIO. De caça. Relativo à caça.

* **VENENO.** Poder de penetração. Poder mortífero da espingarda (T. brasileiro do interior) (Cin.).

VENTORES. Vide *Perdigueiros*.

* **VIRAÇÃO.** Dá-se êste nome, na Amazônia, à pescaria ou caça, como quiserem, das tartarugas, na época em que saem d'água a desovar nas praias ou nas margens dos rios e ilhas fluviaes, porque são sucessivamente viradas sôbre o casco, ficando assentes pela convexidade, e por isso impossibilitadas de fugir. Recolhem-nas com tôda a calma quando terminada a viração.

* **VIROLA.** Instrumento destinado a fechar os cartuchos carregados.

Tem o aspecto de um pequeno tórno. Consta de um anel cilíndrico, em que se introduz o *cartucho*; de uma alavanca articulada do tipo inter-resistente, de um lado; e de uma peça escavada que gira com o auxílio de uma manivela, do outro.

Cheio o cartucho, coloca-se sôbre o chumbo uma rodela de cartão, introduz-se o projétil no anel da virola, e aciona-se a manivela, comprimindo o cartucho, no sentido do comprimento, com a alavanca: a borda de papelão, em contato com a peça escavada, entorta-se para dentro, formando uma saliência que retém o disco de papelão e o chumbo subjacente.

* VIROLAMENTO. Operação de fechar os cartuchos na *virola*.

* VIROLAR. Fechar os cartuchos na *virola*.

* VISGO. Látex pegajoso da *jaca*, fruto da *jaqueira* (*Artocarpus integrifolia*), família das *urticáceas*, com que se untam varas destinadas a apanhar os pássaros pequenos que nelas pousam, atraídos pelos engodos ou *chamarizes*.

Para o mesmo fim também se emprega a goma da figueira brava (*Ficus sylvestris*), previamente espessada ao fogo (H. S., C. C., 254).

VOLATARIA, CAÇA DE. Caça de aves.

Z

* ZAGAIA. Vide *Azagaia*.

* ZAGAIEIRO. O que maneja a *Zagaia*.

* ZARABATANA. “Tubo de madeira de cerca de três metros de longo e quatro centímetros de diâmetro, por onde os índios atiram as flechas conhecidas por *uamiri*, próprias para abater aves ou pássaros. Impelem-nas soprando (R.M., II, 171).”

ZINGA. Varejão. Longa vara com que se faz progredir as embarcações nos rios do interior, fazendo com elas ponto de apoio no álveo da corrente ou nas margens.

**ANTOLOGIA CINEGÉTICA
BRASILEIRA**

ou

*Coleção de trechos escolhidos de autores
nacionais e estrangeiros em que se rela-
tam episódios de caça sucedidos no Brasil,
e processos cinegéticos indígenas*

NOTA PRÉVIA

A seguir reunimos algumas descrições típicas de caçadas feitas no nosso país, narradas por cronistas coloniais e escritores modernos, tanto nacionais, como estrangeiros, éstos últimos, em geral, viajantes que percorreram o Brasil. Nessa relação visamos principalmente a maior variedade possível não só quanto ao tempo e o espaço, como no que diz respeito às espécies zoológicas que constituíram o objeto dessas atividades cinegéticas. Nas transcrições de escritores de língua portugêsa respeitamos religiosamente as grafias por êles usadas; não nos seria possível modernizá-las sem sacrificar-lhes, em muitos casos, todo o encanto original, máxime no dos cronistas coloniais, como Pêro Lopes e Simão de Vasconcelos. O mesmo respeito tivemos em relação aos extratos de traduções de pena alheia. Os trechos, porém, que tiramos em

vernáculo, êsses não só escrevemo-los na grafia oficial, como procuramos, também, empregar em sua redação o maior número de vozes e expressões próprias ao desporto cinegético, em uso entre nossos compatriotas.

C. R. DE L.

CAÇADA NO LITORAL DO SUL

Segundafeira vinte e trez de dezembro sai fóra do esteiro: por ventar muito tempo sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo delles arboredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazellas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo coberto desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. À tarde me tornei para o bergantim.

(PERO LOPES DE SOUZA. *Diario da Navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mór de Martim Afonso de Souza, escripta por seu irmão, Lisboa, 1839, págs. 51-52.*)

N. do Coletor: A paisagem zoológica descrita por Pêro Lopes foi observada em território da atual República do Uruguai; na opinião, porém, dos irmãos Martim Afonso e Pêro Lopes de Sousa, assim como na de muitos contemporâneos seus, achava-se em terras da conquista de Portugal, visto que o meridiano divisório de Tordesilhas, pelo que supunham, deveria cortar a foz do Rio da Prata. Além disso, a topografia e a fauna da banda oriental do Uruguai são muito semelhantes às dos pampas brasileiros, e sua natural continuação.

PROCESSOS DE CAÇA DOS INDIOS

A caça tomão [os Indios] de diversas maneiras; ou á frecha, ou em covas cobertas de ramos maiores, e menores, e de tantas maneiras, que não lhes escapão as feras por mais ardilosas que sejam. E o que mais he, que a cada genero de caça, tem seu distincto modo de armar: a hum modo chamão Patacú, a outro Mondé aratacá, a outro Poé, a outro Mondéguaçu, e a outro Mondégoaya.

Pera aves tem tambem instrumentos diversos, principalmente tres: chamão a hum Juçana bipiyara que caça pelos pés; a outro Juçana juripiyara, que caça pelos peçoços; e a outro Juçana pitereba, que caça pelo meio do corpo. He para ver a facilidade de algumas d'estas caças. Huma de muita recreação experimentei eu com meus olhos, e he a seguinte. Estando em huma aldeia, vi que vinha voando huma quasi nuvem de passaros, a que chamão Tuins, cas-

ta de papagaios pequenos, que tambem fallão, e são estimados. Pousárão estes enchendo certas arvores, que chamão araçazeiros; chamei alguns filhos dos Indios, que os fossem caçar; levavão elles huma vara comprida, e na ponta della hum lacinho, forão-se aos pés das arvores; e d'aqui lhe hião lançando o laço ao pescoço, hum, e hum, e sem mais resistencia, que de quando em quando afastar a cabeça, e fazer hum pequeno gemido, com a maior facilidade, e destreza do mundo, trouxerão muitos delles, e todos vivos.

(SIMÃO DE VASCONCELLOS, S. J.: *Noticias antecedentes, curiosas, e necessárias das cousas do Brasil*, livro I, §§ 122 e 123.)

“VIRAÇÃO” NO TOCANTINS

A estas mesmas praias [do Tocantins] vem no seu tempo quasi todo o Pará a fazer a pesca das tartarugas, que cada uma ordinariamente pesa mais de uma arroba, e assim as têm em currais ou viveiros, onde entra a maré e as sustentam sem lhes darem de comer, salvo algumas fôlhas de aninga, arbusto que nasce pela borda dos rios, sustentando-se dellas quatro e seis mezes. A carne é como a de carneiro e se fazem della os mesmos guisados, que mais parecem de carne, que pescado. Os ovos são como os de gallinha, na cor e quasi no sabor, a casca mais branca, e de figura differente, porque são redondos e delles bem machucados se fazem em tachos as bellas manteigas do Pará; e o modo com que se faz esta pesca requer mais noticia que industria, pela muita cautela e pouca resistênciã das tartarugas.

Quando veem a desembarcar nestas praias trazem diante duas como sentinellas que veem a espiar com muita pausa; logo depois destas com bom espaço, veem oito ou dez como descobridoras do campo e depois dellas em maior distancia vem todo o exercito das tartarugas que consta de muitos milhares. Se as primeiras ou as segundas sentem algum rumor, voltam para traz e com ellas as demais e todas se somem em um momento, por isso os que veem á pesca se escondem todos atraz dos mattos e esperam de emboscada com grande quietação e silencio.

Saem pois as duas primeiras espias, passeiam de alto a baixo toda a praia, e como estas acham o campo livre, saem tambem as da vanguarda e fazem muito de vagar a mesma vigia e como dão a campanha por segura entram á agua e voltam, e depois dellas sai toda a multidão do exercito com os escudos ás costas e começam a cobrir as praias e a correr em grande tropel para o mais alto dellas. applica-se cada uma a fazer a sua cova, e quando já não

saem mais e estão entretidas, umas no trabalho, outras já na dôr daquella occupação, rebentam então os pescadores da emboscada, tomam a parte da praia e remmettendo ás tartarugas não fazem mais que ir virando e deixando, porque em estando viradas de costas, não se podem mais bulir é por isso estas praias e estas tartarugas se chamam de "viração".

(ANTONIO VIEIRA: *Vieira Brasileiro*, Lisboa, 1921, I, págs. 259-260.)

PERSEGUINDO EMAS NOS PAMPAS

Ào rodearmos uma ponta de matto, vimos-nos, de repente, a trinta jardas de uma outra, que ia acompanhada por cerca de sessenta filhotes, producto, talvez, de varias ninhadas. Caminhava magestosamente, abanando a cabeça de um lado para o outro como se traçasse semi-circunferencias e pondo em nós ora um ora o outro olho. Recomeçamos a galopada, mas quanto mais persequiamos, tanto maior era o claro que abriam os fugitivos. Os filhotes, espavoridos, desandaram a correr soffrega e atropeladamente. O passo da ema velha era, porém, pomposo e altivo; nenhuma mostra de fraqueza, medo ou estupidez. Ao contrario, vendo em segurança o seu bando, parecia deseiosa de poupar-o a fadigas inuteis.

O guia acatava a opinião corrente segundo a qual se tratava de um macho de

ema, que assim protege os filhos. Eu, entretanto, mais consentaneo com a ordem da natureza, não hesitei em chamar femea á conductora do grupo.

Por algum tempo conservei uma dessas aves em espaçoso cercado, tornando-se ella mansa e, por vezes, até maçadora. Deixava-se montar por mim, e supportava, precisamente, o meu peso. Se encavalgada por um rapazote de doze annos, corria com desembaraço e era facilmente guiada, tomando a direcção em que o cavalheiro lhe puzesse a cabeça.

Logo depois dessas tropelias com as emas, puzemo-nos em perseguição de um outro genero de caça.

Nosso guia, cuja acuição era, talvez, afiada no afã do lucro, descobriu a toca de uma vara de porcos do matto. Acto continuo poz-nos a geito de evitarmos a fuga dos bichos para a matta, e arremettendo contra elles a cavallo, laçou cinco femeas. Tendo dado trez talhos na orelha direita de cada uma, soltou-as dizendo-nos que dalli em diante os animaes lhe pertenciam e que,

assim marcados, ninguém ousaria pôr-lhes a mão. Accrescentou, ainda, que haveria de voltar quando as fêmeas tivessem dado cria para leval-as todas ou marcar os filhotes.

A grande docilidade que os cavallos mostravam nesses esportes podia, sem duvida, ser attribuida ao poder do freio, o que, todavia, apresentava uma face desvantajosa por impedil-os de saltarem por sobre uma mouta ou transporem, do mesmo modo, alguma poça d'agua. É bem verdade que elles ladeavam aquella e patinhavam por dentro desta com tino e perseverança, mas esse recurso occasionava demoras e a consequencia era, quasi sempre, a perda da caça.

(JOHN LUCOCK: *Aspectos Sul Rio-Grandenses no 1.º Quartel do sec. XIX*, trad. do original inglez por Nelson C. de Mello e Sousa. Record. Rio, págs. 73-75.)

CAÇA AOS VEADOS EM VILA DO PRÍNCIPE

A caça aos veados é, ao que parece, uma das principais distrações dos habitantes de Vila do Príncipe, e, em geral, dos de tôda a província das Minas. Faz-se sempre a cavallo. Utilizam-se, nessa caça, cães chamados *veadeiros*, cuja raça parece mestiçada como a de todos os cães do Brasil, e participar da do lebréu e da do grande cão de curso. Seu pêlo é geralmente arruivado; tem o corpo fino e alongado, focinho comprido, orelhas curtas e um pouco caídas, cauda longa e pontuda. Não se os fecham em canis como aos da Europa; é-lhes permitido andarem pelas casas, geralmente *ajoujados* dois a dois com uma corrente de ferro, e são alimentados com angu e canjica. Chegando ao bosque em que se deseja caçar, separam-se os cães; êstes se dispersam, e começam a *ensaiar* logo que fa-

rejam um veado. Os caçadores conservam-se fora da mata, formando um semicírculo; o animal perseguido procura alcançar o campo, e cai nas mãos dos seus perseguidores. Quando os caçadores reconhecem, pela voz dos cães, que o veado vai sair do bosque pelo lado oposto àquele em que se enfileiraram, procuram a galope atingir a orla da mata pela qual se supõe que o animal vai passar, e alcançá-lo, assim, com a rapidez da corrida.

Afirmaram-me excelentes caçadores existir, nos arredores de Vila do Príncipe, cinco espécies de cervos que, tôdas elas, perdem anualmente a armação. Uma delas, chamada *catingueira* (da palavra *catinga*, mau cheiro; *Cervus simplicicornis*), deve seu nome ao cheiro desagradável que exala, e a faz reconhecer pelos cães. Este odor é devido a uma substância de côr verde-escura que enche uma cavidade profunda que se encontra entre os dois cascos dos pés traseiros. Os *catingueiros* constituem uma pequena espécie com a altura máxima, disseram-me, de três pés. Quando jovens são

mosqueados de branco, e, envelhecendo, tornam-se completamente fulvos. Seus chifres, que medi, têm entre duas e meia polegadas e três de comprimento; não se ramificam; tendo três faces, apresentam outros tantos ângulos arredondados; são quase retos, e vão diminuindo de grossura desde a base até o ápice, que termina em ponta; sua cor é de um branco sujo ou acinzentado com algumas linhas pardas.

(AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*, 1830, I, 336-337; traduzido do francês pelo autor do presente vocabulário.)

CAÇA DE TOCAIA

Os caçadores da região de *caatingas* empregam um meio bastante original para surpreender e matar os veados. À margem dos trilhos que levam a regatos, constroem, nas árvores, umas espécies de palanques (*jiraus*); ficam aí de tocaia, e alvejam o animal quando êle passa a caminho do *bebedouro*. Quando se caça o veado com cães, o animal perseguido se lança frequentemente à água, e empregam-se para capturá-lo vivo canoas muito curtas, estreitas e chatas, que não poderiam servir para a navegação corrente.

(AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*, 1830, II, 134-135. Traduzido pelo autor do presente vocabulário.)

CAÇADAS NO SERTÃO

Os habitantes do sertão dedicam-se bastante à caça de animais selvagens, e, principalmente, dos veados, cuja pele empregam, como já o disse, para se cobrirem. Há, nesse país, caçadores que passam grande parte do ano quase à maneira dos índios. Deixam a casa, não levando consigo mais que a espingarda, pólvora, chumbo e sal; embrenham-se pelos matos, nutrem-se da caça que abatem, e não voltam, às vêzes, antes de alguns meses de excursão, carregados com as peles dos quadrúpedes que mataram.

A espécie de caça à traição, a que atrás me referi, é muito corrente nessa região. Conheci um abastado proprietário de *Salgado* que a apreciava muito. Sabia quais os lugares em que os animais silvestres vinham dessedentar-se à noite, ou comer frutas selvagens. Mandava armar um palan-

que em qualquer árvore próxima, e lá esperava a caça para abatê-la.

(AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, 1830, II, 330-331. Traduzido do francês pelo autor do presente vocabulário.)

PASSEIO E CAÇADA NA LAGOA JUPARANAN

No dia seguinte á minha chegada á casa de João Felipe, fui visitar o bello lago (1). de *Juparanan* que está situado a alguma distancia de Linhares.

Depois de haver atravessado o Rio Doce nós entramos num pequeno riacho cujas aguas se reúnem ás do rio immediatamente abaixo da vila. Esta ribeira parecia não ter nenhum curso e refletia a côr escura dos macissos de arvores que apareciam nas margens. Algumas estendem seus ramos, formando abobada por cima da ribeira, outras se reclinam inteiramente no seu leito.

Cipós espessos se elevavam, por assim dizer, de uma a outra arvore e formavam, em se reunindo, densas massas de verdura,

(1) É geralmente conhecida a designação de *Lagoa de Juparanã* (C. R. de L.),

impenetraveis ao sol. Algumas vezes se notam largas aberturas no meio das bre-nhas e conhece-se logo, que elas são traba-lho de animaes ferozes, cujas trilhas fica-ram marcadas na lama. A ribeira forma inumeras voltas, tem talvez cerca de meia legua e é embaraçada, constantemente, por troncos derrubados.

Experimenta-se uma surpresa agrada-vel, quando, ao sair desse canal estreito e sombrio, encontra-se, de repente, um belo lago que mostra uma vasta extensão d'agua, cujo limite escapa ao olhar. Parece que a lagoa Juparanan deve a sua origem a um correjo do qual não se conhece a nascente. As aguas deste ribeiro, muito pouco incli-nadas para a confluencia, ter-se-iam espa-lhado sobre a terra e formado o lago.

Este, muito menos largo que comprido, sé estende, mais ou menos, de norte a sul; é limitado por matas virgens, mas sendo suas margens muito afastadas, as florestas o embelezam sem o tornar sombrio.

Do meio das suas aguas se ergue uma grande ilha que contribue para embeleza-

lo e que eu vi ao longe. O lago Juparanan é muito abundante em peixe, como as suas margens o são de caça, principalmente em mutuns (craxalctor), pecaris e crocodilos. Os habitantes de Linhares vão constantemente caçar e pescar nessa região, mas não fizeram ainda nenhuma derrubada sobre as margens do lago. Dia virá em que elas se animarão com a presença do homem e se embelezarão com habitações numerosas: esse lugar será, certamente, então, um dos mais belos do Imperio do Brasil.

Nossa volta á fazenda de Bom-Jardim foi deliciosa. Era noite; um ceu estrelado, porém, clareava tanto a ribeira que os nossos remadores, acostumados com a vegetação, puderam evitar, sem trabalho, os troncos derrubados. Ouvimos o canto da cigarra e o barulho confuso produzido dentro da mata pelos animaes selvagens. Fóra disso, nenhuma briza agitava as folhas das arvores e o ceu estava sem nuvens.

Estendi-me na canoa, esqueci todas as fadigas de minha viagem e experimentei

esse bem estar que Rousseau tão bem escreveu numa das suas divagações.

Trouxemos deste passeio um pecari (2), um macaco, algumas lagostas e o mais bonito dos palmípedes. Matando essa ave, meu criado experimentou um momento de alegria.

Como lembrança do pobre Prégent, rapaz muito digno, havia prometido a mim mesmo conservar sempre o encantador palmípede do lago Juparanan. Durante a longa doença de que fui vítima em minha volta, o passaro teve a mesma sorte do resto das minhas coleções zoológicas.

(AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Segunda Viagem ao Interior do Brasil; Espirito Santo*. Tradução de Carlos Madeira. 1936. São Paulo, págs. 197-200.)

(2) Porco do mato. N. de C. R. de L.

PERY E A ONÇA

O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrível, aguçando os dentes uns nos outros, rugindo de furia e vingança; de dois saltos aproximou-se novamente.

Era uma luta de morte a que se ia travar; o indio o sabia, e esperou tranquilamente, como da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a presa lhe escapasse, desaparecera: estava satisfeito.

Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com a consciencia de sua força e de sua coragem, consideravão-se mutuamente como uma vitima que ia ser imolada.

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou á cousa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinaria, e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio.

Foi cair sobre o índio, apoiado nas largas patas de detraz, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes promptos á cortar-lhe a jugular.

A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a féra tocava o chão com as patas.

Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade.

Como á principio, o indio havia dobrado um pouco os joelhos, e segurava na esquerda a longa forquilha, sua unica defeza; os olhos sempre fixos magnetisavão o animal. No momento em que o tigre se lançava, curvou-se ainda mais; e fugindo com o corpo apresentou o gancho. A féra, caindo com a força do peso e a ligeireza do pulo, sentiu o forcado cerrar-lhe o colo, e vacillou (1).

(1) N. do Coletor: Não sei se é a essa passagem de Alencar, ou se a outra, de Varnhagen, que se refere a seguinte observação de Henrique Silva: "Por certo nunca vira uma onça aquelle que inventou a lenda de se apanhar

Então, o selvagem, distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote: fincando os pés e as costas no tronco, arremessou-se e foi cair sobre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça presa pelo gancho, debatia-se contra o seu vencedor, procurando debalde alcançá-lo com as garras.

Esta luta durou minutos; o indio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim imóvel a fêra que ha pouco corria a mata não encontrando obstaculos á sua passagem.

esse animal por meio de uma forquilha, que lhe mettem ao pescoço, como se se tratasse de outro bicho. Não saberia esse individuo, certamente um dos nossos primeiros chronicistas, que além de sua força e inigualavel agilidade o Tigre serve-se de preferencia de suas garras quando accomette, ou se defende? (*Caças e Caçadas no Brasil*, 145).” Varnhagen, que, nesse ponto parece ter, para seu opúsculo impresso em 1860, buscado inspiração no livro do romancista cearense, cuja 1.^a edição é de 1858, escreve o seguinte: “Se, porém, estais seguro de que o valor não vos ha de faltar, posso-vos dar a segurança que no combate a fêra cahirá a vossos pés, quer por meio de um tiro feito bem á queima-roupa, quer pela arma branca; se fôrdes munido de uma faca e de uma forquilha; pois com a forquilha encheis as guelras da fêra quando vo-las abrir, e depois de assim a terdes assegurada, lhe cahireis com a faca entre as espaldas. (*A Caça no Brazil*, 117).”

Quando o animal, quasi asfixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistência, o selvagem, segurando sempre a forquilha, meteu a mão debaixo da túnica e tirou uma corda de *ticum* que tinha enrolada á cintura em muitas voltas.

Nas pontas desta corda havia dois laços que ele abriu com os dentes e passou nas patas dianteiras ligando-as fortemente uma á outra; depois fez o mesmo ás pernas, e acabou por amarrar as duas mandíbulas, de modo que a onça não pudesse abrir a boca.

(JOSÉ DE ALENCAR: *O Guarany*, ed. Garnier, tomo I, págs. 40-42.)

UMA CAÇADA IMPERIAL

Era a nossa primeira Imperatriz, que Deus Haja, mãe do Sr. D. Pedro II, que hoje felizmente impéra [escrito em 1860], muito affeiçãoada a caçar, e não deixava de atirar bem. Fallando com ella uma vez o seu veador Tedim a respeito da caça do veado, e observando-lhe ella a timidez do animal, pelo que não era facil alcançal-o perto, respondeu Tedim que tudo dependia dos cães e dos batedores; o que elle se offerecia a preparar-lhe uma caçada, em que o veado lhe havia de entrar pela barraca a dentro. Effectivamente aprazou-se o dia, e Tedim, que conhecia bem o districto venatorio onde preparava a caçada, nas vizinhanças de Jacarépaguá, mandou armar uma barraca no sitio que era justamente a unica sahida que tinha certo veado que alli havia, quando perseguido pelos cães dos lados oppostos. Armou-se no meio da barraca a competente

mesa de ramagem para se almoçar, e, a título de se buscar melhor a ventilação, deixou-se aberto o fundo da barraca opposto á entrada. Estava S. M. acabando de almoçar, quando os latidos da cachorrada mui perto deram signal do veado; e mal tomava a Augusta Archidueza a espingarda, quando viu com surpresa o veado entrar-lhe pela barraca, e saltando por cima da mesa, e quebrando copos e pratos, varar pelo fundo da mesma barraca, onde logo adiante veio a cahir morto pelo tiro que lhe dirigiu a filha dos Cesares.

(A Caça no Brazil, ou Manual do Caçador em toda a America Tropical acompanhado de um glossario dos termos usuaes de caça por um Brasileiro devoto de S. Huberto. (FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN) Rio de Janeiro, 1860, págs. 102-103.)

HISTORIAS DE CAÇADOR

Mentiras de caçador são as maiores.
Proverbio antigo.

A caçada nos campos, de Araraquára, Botucatú, ou outros, não apresenta tanta caça, tanta victima em poucos dias como a caçada no rio abaixo: mas é mais agradável ao caçador que vai para gozar e não para fazer montes de carne. Ali, levanta-se a barraca, encosta-se os animaes em lugar feixado, segurando-se bem, pois sem elles nada se faz, e leva-se semanas caçando, galopando todo o dia, e levando parte da noite á roda do fogo, na prosa e conversa de caçadas. É então que apparecem os mais extravagantes e fabulosos casos: a natureza é grandiosa e as historias acompanhando-a, são gigantescas, homericas.

Contam, uns, historias verdadeiras, outros inventam maravilhosos poemas, em que se permitem as mais exageradas ficções

as mais arrojadas hyperboles: conta um a bondade e valor de seus cães. Trouxe — diz elle — estes cães lá de Itú, de raça apurada ha seculos: apenas tinham aberto os olhos, e procuravam ainda a mãe para mamar. Pul-os em um cestinho e vinha trazendo quando já perto de casa, começaram elles a latir tanto, elles que até ahi não tinham dado um gemido, que pensei que os pobresinhos queriam descansar e orinar, e por isso apeando soltei-os para descançar no chão. Elles, mal podendo andar, entraram no matto, e começaram uma tão firme acuação, que fui ver, julgando que estariam enroscados em algum cipó. Mas qual não foi o meu espanto, quando os vi acuando uma anta, das grandes, de que se conservavam em distancia, receando-lhe a tromba!

Cheguei em caza com os cãesinhos, e já com um anta, e conta-me minha mulher toda assustada que vinham elles em muito boa occasião, pois não podia mais com o barulho que havia em cima da caza, onde pelas chuvas se formára um tanque, em que os

peixes de toda a qualidade se tinham criado, e faziam entre si forte guerra, procurando os doirados comer aos outros, e apparecendo tambem ás vezes uma onça pintada que vinha ali caçar os peixes.

Não tem nada, mulher, isso é prato feito: faça uma grande panella, e convide toda a vizinhança a que venha jantar conosco. Assim faz ella, e eu então, abrindo no forro um buraco que vinha cahir na panella, aproveitei os peixes, e a agua para regalar a vizinhança. Nunca se vio tanto, e tanta qualidade de peixe. Mas estavamos nos regalando na meza, pacificamente, quando começam meus cãesinhos a cavar a terra, a roncar, e depois atiram-se para a porta, e ferram em uma enorme onça pintada que quasi lhe acabou a raça.

A tiro, e faca sempre podemos livrar os cãesinhos que assim mesmo sempre ficaram assignalados, como estão vendo. Destes casos ha tantos, e tão engenhosos que desbancariam ao proprio Munckausen. E os dias em caçadas das nossas maiores caças, a noite até oito e dez horas em conversas,

passam-se dias semelhantes aos dos homens primitivos, daquelles que tinham de lutar diariamente contra a natureza bruta do sertão, as feras, e os indios.

(JOAQUIM DE PAULA SOUZA: *Escola de Caça ou Monteria Paulista*, por J. P. S. Rio de Janeiro, 1863, págs. 80-82.)

CAÇADA NOS ARREDORES DE JUIZ DE FORA DURANTE A SEMANA DE SÃO JOÃO

Quando voltamos da inspeção às plantações os hóspedes ainda não tinham chegado todos. A ocasião que acháramos mais conveniente para nossa visita à fazenda fôra pela semana de São João, cuja data é celebrada no lugar com grandes festividades; êsses dias deveriam ser consagrados à caça, e o Sr. Lage convidara aos mais ardorosos amadores da vizinhança para tomar parte no divertimento. Ver-se-á, pela seqüência, que êles se constituíram espontaneamente em magnífico corpo de colecionadores para o Sr. Agassiz. Após um succulento almoço dirigimo-nos a cavalo para a floresta, com todos os convidados que tinham chegado até aquela hora. A excursão através da mata fechada, sombria e silenciosa, foi uma delícia; e o silêncio ab-

soluto em que caíamos quando algum de nós julgava sentir a aproximação de caça, as palavras sopradas em voz baixa, a espera com a respiração suspensa, a que se seguia o tiro anunciador de vitória ou fracasso, só contribuía para aumentar, se possível, o encanto do cenário. Costuma-se aí caçar de uma maneira original: quando a floresta é muito densa, espalha-se comida numa clareira para os animais silvestres, e erguem-se tapumes disfarçados pela vegetação, onde se deixam orifícios para observação do que se passa; o caçador, escondido por trás desses biombos de folhagem, fica à espreita durante horas até que a paca, porco do mato ou capivara se aproxime para comer. As senhoras se apeiam e esperam pelo fim da caçada deitadas num desses frescos recessos da mata. Não obtivemos grandes resultados nessa tarde, mas conseguimos alguns valiosos exemplares de pássaros.

(Prof. e Sra. AGASSIZ: *Viagem pelo Brasil, Bóston*, 1868, págs. 103-104. Traduzido do inglês pelo autor do presente vocabulário.)

CONTINUAÇÃO DA CAÇADA

À tardinha começaram a chegar os caçadores da vizinhança e a companhia ficou consideravelmente aumentada. Essa vida de fazenda, pelo menos nas ocasiões excepcionais de festa, dá uma impressão fascinante de medievalismo. Era a idéia que me ocorria quando nos reuníamos para o jantar na vasta sala mal iluminada, em que uma longa mesa, vergando ao pêsso de peças de caça e grandes quartos de carne, estava sempre servida para uma massa heterogênea de convivas, que crescia diariamente. Na extremidade superior sentava-se a família com os comensais ordinários; mais para baixo, com os seus, o administrador, cujas funções supponho sejam as mesmas que as dos superintendentes de plantações no sul dos Estados Unidos. No nosso caso tratava-se de um indivíduo de aspecto ultrapitoresco, vestido com uma espécie de blusa escura, ajustada ao corpo por um largo cinturão preto, do qual pendiam um manchil e polvorinho, com uma trompa a tiracolo, cha-

péu grosseiro e botas altas de montar. Durante o jantar entraram alguns convivas inesperados, sem a menor cerimônia, em trajes de caça, tais como tinham voltado da excursão. E, depois, à noite, ou muito cedo pela madrugada (o costume brasileiro é deitar cedo e acordar cedo), que ruidosa alegria a de fazer soar as trompas muito antes de romper o sol, tanger a guitarra ou assobiar nos instrumentos especiais aí usados para atrair a caça (pios). A reunião constituía o mais original ajuntamento de tipos sob o aspecto social, comunicando-se uns com os outros, após os piqueniques, sem o menor constrangimento, e por tudo isso nos sentíamos cada dia mais gratos aos amáveis hospedadores pela oportunidade que nos proporcionavam de observar tudo quanto havia de mais caracteristicamente nacional. No dia seguinte fomos almoçar em uma pequena fazenda, também de propriedade do Sr. Lage, situada na Serra da Babilônia, em altitude bastante elevada. Galgamos rapidamente, antes do raiar do sol, a elevação, cujo nome atinge a mais de

3.000 pés acima do nível do mar. Éramos precedidos pela liteira, espécie de carro suspenso entre duas mulas, na qual iam a vovó e uma criança; como êsses caminhos na serra são impraticáveis às carruagens, aquella forma de condução se impõe para os que são muito idosos ou demasiadamente jovens para viajar a cavalo. O panorama era soberbo, a manhã fresca e linda, e, ao término de duas horas de viagem, chegamos à fazenda. Deixamos aí os nossos animais e dirigimo-nos a pé para a floresta, enquanto as senhoras e crianças passeavam pelos arredores, colhendo flores e percorrendo as alamêdas, e os homens se ocupavam em pescar e caçar até o meio-dia, quando estavam de volta para o almoço. O resultado da excursão foi um macaco, dois caititús, e grande variedade de pássaros, que todos foram enriquecer as coleções científicas. Regressamos para o jantar à fazenda grande, e logo depois nos recolhemos, a fim de estarmos prontos para a grande caçada da semana, que teria lugar no dia seguinte e na qual teríamos de despender maior atividade.

Ao romper da aurora os cavalos estavam à porta, e galgávamos a serra antes do dia claro. Dirigimo-nos para uma fazenda na Serra da Babilônia, distante cêrca de duas léguas da outra em que estivéramos, e, em maior altitude, excessiva até para a cultura do café, e destinada a campos de criação. É lá que o Sr. Lage tem os seus cavalos e gado. O trajeto em ziguezague pelo caminho da serra foi delicioso por essa madrugada. A neblina desfez-se com o raiar do sol; as colinas longínquas e a mata, estendendo-se ao infinito por baixo dos nossos pés, resplandeciam banhadas pelo sol. O último trecho do caminho está compreendido, em sua maior parte, dentro da mata, e levou-nos, após cêrca de duas horas de trajeto, ao cume de uma pequena colina sobranceira a um pequeno lago, represado em uma depressão circular da montanha, imediatamente por trás da qual se achava a fazenda. O efeito do cenário era bastante belo, pois a margem do lago estava ornamentada com bandeiras, e nas águas flutuava uma miniatura de vaporzinho com o pa-

vilhão americano numa extremidade e o brasileiro na outra. Nosso hospedeiro convidou-nos a transpor a porteira da fazenda antes do resto da cavalgada, convite cujo alcance compreendi, quando, tendo deixado para trás o portão, o pequeno barco atracou, e, como numa saudação, mostrou-nos o seu nome: AGASSIZ. Foi uma amável surpresa muito bem arquitetada. Quando se desfez a pequena animação produzida por êsse incidente, fomos à casa mudar a roupa de montaria, e preparar-nos para as matas. Embarcamos em seguida no bote recém-batizado e atravessamos o lago em direção à floresta do lado oposto. Lá havia armadas mesas rústicas e assentos sob um tôlido, e aí esperamos pelo almoço; mas, enquanto a refeição se preparava, e o fogo ardia para fazer o café, assar galinhas, cozinhar o arroz e outros acepipes, fomos perambular pela mata.

Terminado o nosso passeio, do qual voltou o professor, aparentando uma repre-

sentação ambulante da flora tropical, tendo-se carregado de frondes de palmeiras, fetos arborescentes, e espécimes semelhantes, encontramos o almôço à nossa espera. Alguns dos nossos companheiros se tinham extraviado; não obstante êsse fato, os caçadores tinham resolvido tomar suas posições distanciados uns dos outros, e todos próximos da água. O objeto da caçada era uma anta (tapir), animal curioso, abundante nas matas dessa região. Tem um interêsse especial para o naturalista, por apresentar analogias com alguns antigos mamíferos recentemente descobertos exclusivamente entre os fósseis, do mesmo modo que os fetos arborescentes, *Chamaerops*, &c., se assemelham a espécies vegetais extintas. Se bem que o Sr. Agassiz já conhecesse o animal de jardins zoológicos, desejava ardentemente vê-lo livre no seu ambiente natural, e no âmago de uma floresta dos trópicos, tão peculiar aos velhos tempos geológicos do próprio animal, Fôra, de fato, para dar-lhe êsse prazer, que o Sr. Lage organizara a caçada. No entanto, "o homem põe e Deus

dispõe”, e nós, pelo que mostrou o desenrolar desta, não estávamos destinados a ver uma anta nesse dia. Sendo a floresta, como já disse, impenetrável aos caçadores, excepto onde havia picadas, a caça foi levantada pelos cães dentro da mata, enquanto os caçadores estacionavam a certa distância na orla do bosque. Tem ela o seu pouso habitual próximo aos lagos ou rios, e costuma, quando descoberta e acossada pela cachorrada, dirigir-se para a água, e, caindo nela, é alvejada quando tenta atravessá-la a nado. Quando ainda nos achávamos indolentemente à mesa do almôço ouvimos o grito de Anta ! Anta ! Num momento cada qual se apoderou da espingarda e correu em direcção ao lago, onde ficaram todos atentos, ouvindo o toque da matilha, agora francamente na *corrida*, e esperando a cada momento a aparição da caça e sua queda no *poço*. Foi, porém, um rebate falso; a voz dos cães morreu à distância: o dia estava mais frio do que habitualmente, e o proboscídeo preferiu *fazer sertão*, dando costas para a água, e obrigando os cães a uma perseguição

difícil, que, finalmente, deu em *perdida*. Passado certo tempo os cães reapareceram, abatidos e desanimados. Embora não tivéssemos conseguido abater o tapir, observamos o bastante dêsse divertimento para compreender o que faz o encanto dos caçadores, os quais perdem horas na floresta, para, no fim de tudo, voltarem, muitas vêzes, com as mãos vazias. Se não conseguem abater a caça, têm, pelo menos, a emoção; ainda agora, quando sentiram o animal nas mãos, tiveram uma agitação momentânea aumentada pelos latidos dos cães e os gritos dos caçadores, que se esforçavam por excitá-los ao mais alto grau com suas aclamações; e, quando o animal voltou as costas ao *passador*, tudo pareceu acabar-se, e a um verdadeiro pandemônio de vozes succedeu o silêncio e o mutismo da floresta. Tudo isso tem para êles grande fascinação, que se comunica aos iniciandos, aos quais parece a princípio incompreensível que êsses homens possam ficar imóveis na *espera* durante horas, e se sentirem recompensados (como eu ouvi a um dizer) só com o ouvirem

o ladrar da cachorrada e sentirem que a caça foi *levantada*, mesmo que não obtenham maior resultado. Tivemos, todavia, nessa ocasião, abundância de outras vítimas. Faliada a anta, os caçadores, que até então evitavam cuidadosamente atirar, deixando inativas suas armas, voltaram a atenção para caças menores, e regressamos para casa ao anoitecer, carregados de despojos, se bem que sem um tapir.

(*Idem*, págs. 106-112.)

EPISODIO DO TAMANDUA

De uma feita indo eu em companhia de um velho caçador, nossos cães toparam um Tamanduá-bandeira, aquecendo-se ao sol juncto dum cupim mettido numa macéga alta, á beira do matto, e ahi promoveram ruidosa e insistente acuação.

Como eu tentasse alvejar o animal, cá da estrada, surgiu-me o velho pela frente, tão eriçado e furioso como o bandeira; que não atirasse, que seria pôr a nossa cachorrada n'esse máu costume de acuar aquella immundicie!

Esta praga, accrescentou, mata-se a caccête, com a coronha da espingarda; e, ameaçando então dar uma pancada com o couce d'arma no focinho do animal, que é a sua parte fraca, este arrebatou-a de suas mãos n'um movimento tão brusco e repentino que ella ficára engatilhada.

Então, a lutar com os cães, de arma ao focinho, n'uma attitude de capoeiragem, tão agil, tão erecto em meio á macéga, nunca me parecera tão terrivel este animal, nem tão perigosa a pica-páu de meu patricio, que a tinha como *legitima de Braga*, elle, que n'aquelle momento já lá ia longe, rastejando pelo macegal afóra, rente pelo chão.

(HENRIQUE SILVA: *A Caça no Brazil Central*, Rio, 1898, pág. 72.)

UMA CAÇADA DE ANTA:

O CASO DO CHICO LEITE

O velho caçador acabava de abicar a sua canôa de *montaria* a uma ribanceira do caudaloso Paranahyba, acudindo pressuroso ao *levante* da numerosa matilha, onde se achava o "Rompe-ferro" o melhor *anteiro* que ainda se conheceu naquellas redondezas. O *toque* vinha de fíba, cerrado, ruidoso, estremecendo a floresta inteira. Entre o *espigão* mestre, onde os cães *barrôaram* nesse dia uma enorme Anta *sapateira*, e as barrancas do rio, era tudo um *bibocal*, entrançado de guaxumas e taquaras meúdas. E o *toque* descia, se approximava, cerrado, ruidoso, num crescendo de *halalis*. E o velho Chico Leite, caçador de fama, achou que seria uma *perrenguice* matar alli assim, acuado no *poço*, um animal *mantena* como se lhe afigurava aquelle que vinha ha mais

de uma hora acochado pela sua guapa canzoada, toda descendente do *Chibante* e da *Pachola*, vindos de lá de fóra, como elle sempre dizia, ao narrar-lhes as façanhas. Uma vez no *carreiro* da Anta, obra de uma quadra distante da beira do rio, como se lhe deparasse pela frente o possante pachiderme, fez fogo. Subito, sentiu-se lançado por terra e, até pisado pelos cães, que passavam estonteantes, cegos, no encalço da preza. Quando deu de si, voltando ao logar da *acuação*, lembrou-se de tomar uma pitada, procurando a buceta de rapé que trazia num dos bolsos da japona; mas qual não foi seu espanto ao dar por falta do precioso objecto e até mesmo do bolso!...

Hom'essa! exclamou desapontado.

Tá aqui, seu Leite! acudiu um dos companheiros, mostrando premida entre as mandibulas do probosciano, já morto, a bucêta de rapé do velho caçador goiano...

(HENRIQUE SILVA: *Caças e Caçadas no Brazil*. H. Garnier, editor., págs. 124-125.)

NA CÉVA

Lenita carregou a espingarda, sentou-se, poz a cotia diante de si, apoiou as pontas dos pés no seu corpo macio, cravou na céva olhares vigilantes, cubiçosos, sofregos.

Não esperou muito. Ouviu-se um estalar de ramos quebrados e, um logo após outro, apresentaram-se dous vultos escuros, grandes, dous enormes porcos de queixo branco. Entraram no limpo da céva confiados, lentos, magestosos, caminharam direito ao milho, trombejando, foçando, fazendo estalar os dentes. Pararam, puzeram-se a comer, tranquillamente, descuidosamente.

Lenita engatilhou a espingarda, quiz mettê-la em pontaria. Barbosa impediu-a com um gesto energico.

— Não se mova, segredou-lhe rapido, ao ouvido. Estamos em perigo serio.

— Em perigo?

— Silêncio!

Os dois porcos continuavam a trincar, a esmoer o milho, sem suspeitar da vizinhança de gente.

Passaram-se dez minutos, dez seculos de anciedade para Lenita.

Barbosa lento, cauteloso, sem fazer o minimo rumor, como uma sombra, tirou a espingarda de Lenita, e poz em logar a sua, uma arma excellente de Pieper, canos *choke-rifled*, calibre 12.

— Atire com esta, disse em voz tão baixa que mal Lenita o poudo ouvir, não tenha receio, não dá couce.

Lenita armou os dous cães, premendo os gatilhos para que não estalasse com os gafanhotos nos dentes das nozes, levou a arma á cara e, quasi sem apontar, disparou um tiro e outro immediatamente.

Os estampidos das cargas fortíssimas ribombaram pela matta de modo pavoroso; a fumaça ennevoou a céva, tapou tudo; sen-

tia-se o cheiro forte, bom, de sulphureto de potassium, de polvora queimada.

Lenita, impaciente, incapaz de conter-se, quiz sahir. Barbosa a reteve.

— Cuidado! disse, esperemos que se dissipe a fumaça. O caso é sério. São queixadas.

— Então foi a queixadas que eu atirei?

— Foi, e felizmente não ha bando, são só dous.

— Si houvesse bando?

— Estaríamos perdidos.

— São assim perigosos?

— Em bando, no matto, peores do que onça. Por amor das duvidas, dê-me a espingarda, quero carregar-a.

Demoradamente foi-se dissipando o fumo. Barbosa e Lenita sahiram. Juncto do milho o chão estava escarvado, via-se muito sangue. De dentro do matto de pequena distancia, vinha um como grunhido, um ronco lastimado

Barbosa ordenou a Lenita que se deixasse ficar e, com a espingarda armada,

prompto a dar fogo, entranhou-se no matto, do lado donde vinham os grunhidos. Não teve que andar muito: a pouco espaço, perto um do outro, jaziam os dous porcos, alcançados ambos pelos tiros certos de Lenita. Um estava morto, o outro estertorava enfraquecido nos arrancos da agonia.

(JULIO RIBEIRO: *A Carne*. São Paulo, 1896, págs. 280-283.)

CAÇA DE BANHADO EM MATTO-GROSSO

Em frente ao Ladario existe uma extensa zona de pantanal em meio da qual surge isolado o morro do "Sargento"; entre esse morro e o rio Paraguay corre o "Bracinho", braço desse rio, que, durante as cheias, liga dois pontos distantes de seu curso, e que, nas epochas normaes, só accessivel a embarcações de diminuto calado, communica com o grande rio apenas na parte inferior. Entre o Bracinho e o Paraguay, as aguas, baixando a pouco e pouco, foram deixando ver, hoje os cimos dos arbustos, amanhã as pontas da macega e, enfim, quando a agua já tinha deixado de dar ao pantanal o aspecto de "mar" e o tinha transformado em lodaçal, bandos incontaveis de marrecas, irerês, frangos d'agua, carões, coricácas, tabuyáyás, cabeças-secas, tuyúyús, colhereiros, garças, socós e biguás cobriam todo aquelle pantanal, fervilhavam naquell-

le charco, e para chegar até essa região, tão rica em caça, bastava atravessar o rio! A um tiro que se disparasse, bandos e bandos de irerês e marrecos erguiam o vôo e, em verdadeiras nuvens, atordoavam o caçador com o seu ininterrupto assobio. As garças, voando com lentidão e magestade, muito alto, cruzavam o espaço em longas filas, brancas, alvas, luzidias; é, ao cair da tarde, como se acoressem a um signal de commando, chegavam ellas de todos os pontos do horizonte para, dentro em pouco, cobrir de um lençol branco um longo renque de arvores que margeiam o Bracinho. Durante o dia, das alturas do Ladario, via-se o campo coberto de largas manchas brancas, constituídas por colossaes bandos de garças; além, uma revoada de enormes tuyúyús dava o aspecto de um "meeting" de aviação; e, principalmente ao começo, e mesmo durante a noite, os bandos de irerês não interrompiam a musica do -assobio que lhes dá o nome.

Muita vez, descendo um pouco o Paraguay e entrando pelo Bracinho, gozáva-

mos do bellissimo espectáculo que offereciam as suas margens, crivadas de todas essas aves aquaticas que, á nossa approximação, erguendo o vôo, nos deixavam boquiabertos ante scena tão bella. Destacavam-se, d'entre todos, os colhereiros côr de rosa, que voando em bandos compactos sob um sol brilhante, produziam um effeito cuja descripção não pode sequer dar uma ideia da enorme belleza.

Infelizmente, por ser recém-chegado, e só ter relações com os collegas, entre os quaes não havia caçadores, muito pouco aproveitei, dessa vez, daquella occasião magnifica, e que raro dura mais de quinze dias, no começo e no fim das cheias; ainda assim, dei que fazer á minha Greener, que abateu um grande numero de peças.

(H. PEREIRA DA CUNHA: *Viagens e Caçadas em Matto-Grosso*, 1918, Rio de Janeiro, págs. 22-24.)

EXCURSAO CINEGÉTICA NO PANTANAL

Estavamos de pé ás quatro horas da madrugada, e cedo partimos, a cavallo, deixando preso o pobre "Visconde", e levando "Mestrinho", "Leão" e "Carioca". Essa pequena e reduzida matilha estava mais animada e, havíamos feito um pequeno percurso, quando os cães, apoz uma curta *corrida*, *acuaram* firme em um acuryzal. Grande foi o nosso contentamento, como grandes foram os elogios que logo romperam em louvor de "Mestrinho" e, cheios de entusiasmo e alegria, corremos ao local onde *fervia* a acuação. Nós não tínhamos visto rasto algum, de sorte que, não sabíamos se se tratava de uma onça parda ou de uma pintada, nem se era ella medrosa ou zangada, mas, fosse como fosse, corremos pressurosos e encontramos os cães acuando..... um coaty!

Bastante desapontados, e depois de ter o coaty sido morto, a dente, pelos cães, continuamos a nossa marcha e, pouco adiante, o "Leão" farejou com habilidade e firmeza acuando logo depois. Eu, que tinha seguido "Leão" de perto, vi logo do que se tratava, mas, como o Junqueira estivesse muito afastado, aproveitei para pregar-lhe um logro e alegrar um pouco a caçada; comecei a chamal-o com insistencia, gritando que era uma onça parda que estava acuada, e o nosso Junqueira, galopando até onde eu estava, encontrou acuado... um tamanduá-mirim, que, ainda assim, matou.

Mais adeante foi a vez de um caetetú que, também acuado pelos cães, foi morto pelo Nelson; entretanto, apesar da boa vontade dos cães, não tendo encontrado rasto de onça, tivemos de voltar com o mesmo máu resultado dos outros dias, embora longa tivesse sido a caminhada.

O dia seguinte, 9 de outubro, era o sexto apoz a nossa partida do Ladario, e o quinto em que, firme e persistentemente, pro-

cúravamos encontrar uma *pintada* (1); muito cedo, com a mesma organização da vespera e com os mesmos cães, partimos, já um pouco desanimados com tantos contratempos; no entanto, com menos de uma legua de caminho, encontramos rasto fresco e, logo apoz, carniça muito recente e constituída por um porco. Contentísimos com tão precioso achado, ficamos logo certos de que os cães acuariam uma onça dentro em breve; e os rastos que partiam da carniça foram logo seguidos por "Mestrinho", que *fallou* ao sentil-os.

Anciosos, seguimos os cães, mas, tão abundantes e entrecruzados eram os rastos, que, confundindo e perturbando, "Mestrinho" perdia-os de quando em vez, para achar mais adeante, succedendo algumas vezes vir ter ao mesmo local. Era um emmanhado de rastos que se cruzavam pelos pantanaes, pelos caminhos, nos capões e entre a macega alta, a todos nós intrigando e não achando explicação, nem mesmo entre os zagaieiros; e, uma vez, tão estranha era

(1) Onça pintada (*Felis onça*).

a situação que, estando nós a fazer zigzags atrás dos cães, no meio da macega alta, o nosso Faustino obtemperou, com o seu interessante e original modo de fallar: “Isto até tá perigoso; bitcho pôde tá ahi djunto da djente, deitado na macéga e nós num ent-xergu’elle”.

Não obstante isso, continuamos sempre a acompanhar os cães, que foram auxiliados por Faustino e Bernardo, incansaveis quanto habeis em rastejar, e, graças ainda a esses dois experimentados e dedicados *zagaieiros*, depois de muito tempo, muito trabalho e já algum desanimo, vimos uma onça trepada n’uma arvore secca, a desusada altura, e á beira de um pequeno *capão*.

Os cães tinham atravessado e já haviam sahido d’esse *capão*, dando trez ou quatro latidos sem importancia e que, quando muito, poderiam indicar *rasto* que não fosse dos mais frescos; e, assim, foi para nós uma surpresa grande quando, olhando o que apontava um dos *zagaieiros*, vimos a onça empoleirada, fazendo um *zagaieiro* a consideração de que deveria tratar-se de

onça muito medrosa, pois que, aos poucos latidos dos cães, que nem a perceberam, já estava ella no páu a tão grande altura.

Rapidamente, dirigimo-nos para a beira do capão, apeamo-nos e, como tivéssemos combinado pertencer ao Junqueira o tiro á primeira onça da caçada, formou elle entre os zagaieiros, e logo todos partiram em direcção á arvore em que estava a cubiçada presa.

Como eu não tivesse de atirar e, porque principalmente, visse uma occasião rara, talvez unica, de photographar uma onça em semelhantes condições, atrazei-me um pouco retirando a minha Goerz, que viajava presa aos arreios, e, quando entrei no capão, um pouco apoz o primeiro grupo, procurei tomar outro caminho, a uns vinte metros do que era seguido pelos zagaieiros, na intenção de tomar posição favoravel e boa para a minha original photographia. Tinha, porém, pouco penetrado no capão, quando o Mario de Barros, com muito acerto e prudencia, gritou-me que seria mais conve-

niente irmos todos juntos. Aceitando a ponderada observação, pois sabia que, em taes caçadas, o auxilio mutuo é muitas vezes de grande necessidade, resolvi tomar a direcção dos outros companheiros. Havia de per-meio, proximo de mim, uma moita de matto fechado; para atravessal-a, levei as mãos á frente, tendo numa dellas a espingarda, com a qual afastaria um tucum cheio de espinhos, e, iniciando assim a operação, sem outro intuito que não fosse o de livrar-me dos espinhos, abaixo-me um pouco, levo o pé á frente, e, oh! estranha e desagradavel surpresa! — bem junto a mim, quasi sob o pé que levo á frente, ergue-se e salta uma onça soltando um formidavel urro... Como um relampago, saltei, apromptando a arma ao mesmo tempo que gritava para os companheiros: — “olha o *macharrão* junto de mim”. O Nelson logo acudiu-me, gritando tambem para os zagaieiros, e todos, ouvindo o urro da féra e o meu appello, correram ao meu socorro; o *macharrão*, por-em, saltára para o lado, fugindo em rumo opposto e deixando-me illeso.

Livre d'esse "pequeno" susto, corre-mos para a onça do pau, a qual, indifferente a todo aquelle reboliço, lá se conservava impassivel; e, depois de conter a custo o ardor do Junqueira e tirar a photographia — que não sahiu muito tremida, apesar do meu recente encontro — partiu finalmente o tiro. Era evidente que a bala do atirador não tinha attingido a onça, pois que, com todos os movimentos livres e sem dar mostras da menor perturbação, o animal começou a descer; e, como os zagaieiros gritassem pedindo rapidamente outro tiro, o que aliás era uma necessidade imperiosa, fiz-lhes a justa vontade detonando a minha arma, e a onça degringolou e veio abaixo.

Sem saber e sem querer, eu tinha atirado ao mesmo tempo á bala e a chumbo grosso; pois, apesar de ter este ido achatar-se de encontro a uma das paredes do craneo do animal, e ter a bala atravessado a base d'esse tão resistente craneo, essa onça, que havia cahido como um fardo pesado, teve ainda força bastante para erguer-se e afrontar-nos. O lugar era mau para o tra-

balho de zagaia, mas, apesar d'isso, á vista da attitude da féra, os zagaieiros avançaram; pois, parece incrível, o animal teve ainda força para, com um sopapo, desviar para longe a primeira zagaia ! Outro zagai-eiro acudiu rapido; tão rapido que não me deu tempo para livrar o cabo de sua zagaia, que fez-me enorme gallo na testa; e dominada a resistente onça, acabaram de matal-a o Nelson e o Junqueira

(H. PEREIRA DA CUNHA: *Viagens e Caçadas em Matto-Grosso*, págs. 216-222.)

PROTECÇÃO A CAÇA

Consideramos a caça de nossos campos e mattas como uma riqueza publica, bem digna de leis protectoras que regulassem, com applicação rigorosa, a sua presa. Por falta de protecção publica, estão desaparecendo lamentavelmente de nossa Fauna, a não ser em pleno sertão, especimens preciosos como a anta, a jacutinga e até passaros uteis á agricultura e aos pomares. No proprio sertão não se fazem, geralmente, caçadas; pratica-se a sangue frio a mais revoltante destruição. Nos arredores das cidades e fazendas já não existem aves cantoras, como o sabiá, o melro ou soldado, a pata-tiva, etc. Estas aves, em companhia das rolinhas, vira-bostas e até o innocente João de Barro, tão manso quanto excellente constructor, vão desaparecendo do nosso quadro ornithologico, esfrangalhados pelos innumerados atiradores, em geral immigrados,

que se armam de espingarda de calibre doze, quasi um canhão!

Tenho verificado esse facto muitas vezes; a liberdade, nessa faina devastadora, não tem limites. Verdade que muitas Camaras Municipaes têm decretado leis regulando a caça, mas só e exclusivamente quanto ao tempo em que é prohibida. Essas leis, digamos logo, ninguem as observa e ninguem as faz cumprir, são letras mortas; toda gente caça ou destróe caças quando bem lhe parece.

Penso que aos proprietarios de terras que ainda não perderam de todo o amor a quanto é nosso, competia tomar a responsabilidade dessa fiscalização, não admittindo que em suas propriedades se praticasse a caça ao tempo em que ella é defesa, nem consentir que nellas caçassem senão caçadores conscienciosos, que não abatessem além de certo e reduzido numero de peças em cada sortida.

Nos paizes europeus, o exercicio da caça soffre rigorosa fiscalização legal e os

que commettem abusos são rigorosamente Punidos.

Nos nossos sertões, como os das zonas Noroeste e Sorocabana, onde estas vias ferreas vão despejando com relativa facilidade os destruidores de caça, essa devastação já está produzindo desastrosos effeitos.

A propósito, posso relatar o seguinte factó: o meu amigo e destemido caçador Sotero Barbosa, indo visitar as terras que um seu irmão possui a doze leguas da estação de Presidente Penna, entregues á guarda de um rancheiro por estarem ainda incultas, alli chegando foi logo ao matto e voltou trazendo trez jacutingas. Manifestando ao rancheiro a sua satisfação pela magnifica caçada e pela quantidade de jacutingas encontradas, e dizendo que se absteria de atirar, para não destruir, com grande espanto e maior indignação, ouviu esta:

— “Ora, isso não é nada! *Ostrodia* seo *Fulano* veio cá e só num dia matou trinta e quatro!”

Incontestavelmente, um pernicioso como esse seu Fulano não merece um tiro ?

(BENTO ARRUDA: *Por campos e mattas (Caça, caçadas e caçadores)*. São Paulo, 1925, págs. 20-22.)

CAÇADA NA LAGOA DA SAUDADE

Ainda pela madrugada João, Fritz, Chico e eu enveredamos embarcados pelo lago da Saudade, aonde vamos caçar. Atravessa-se longo sangrador, o canal que o liga ao rio, chegando ao primeiro espraiado de água. Para diante ha furos ou igarapés, braços estreitos, que se unem em seguida em novas larguezas, e assim successivamente. Calcúlo que viajamos 4 leguas de penetração, e entretanto o lago continúa, apesar do accesso difficil na época da vasante. Pretendem uns que a Saudade seja um rio, pois affiançam que o seu leito corre nas enchentes. Isso carece de rigorismo, em vista da exploração que João e Fritz acabaram de fazer nos ermos além, referida no capitulo dedicado a Cocalinho. Elles passaram pelas suas cabeceiras, onde, ao envez de aguas preeminentes, apenas demora dilatado corixo, ou pantanal. Compõe-se a vegetação

das margens de sarans, arbustos peculiares dos alagadiços, e de mattas rachiticas emaranhadas de lianas, que nas passagens apertadas se enlaçam nas comas, impressionando á maneira de extensos abobadarios claus-traes. Bem para dentro, á direita, emergem, zonas altas de campos bellissimos.

Na excursão encontramos caça de pello abundante e mansa, em opposição á que frequenta as margens do Araguaya. No rio, embora os rastos se repitam a cada momento, os animaes vivem prevenidos e arredios e não se entregam facilmente á sanha dos matadores. Divisamos hoje bandos de capivaras, ariranhas e lontras, muitas antas e pacas. Duas capiváras novas e uma anta bastam para estabelecer a reserva de carne que precisamos. Ellas são atiradas com sciencia e escolhidas em meio dos grupos arredados do leito, ficando assim impedidas de pular para a agua, como succede habitualmente quando mal feridas. Em outros lugares isso não evitaria o poste-

rior aproveitamento dos animaes, cujos corpos voltam a boiar em seguida a algumas horas de submersão.

Mas aqui, morada predilecta das vorazes pîranhas, nunca se guarda semelhante illusão, Bastam apparecer poucas gottas de sangue para se atirarem á presa, consumindo-a em breves minutos. Por isso é que o sabio Goeldi as considerava animaes de rapina, os mais perigosos da America Equatorial e os mais ferozes dos peixes; dizia elle que "se Dante as houvesse conhecido, ter-lhes-ia dado um logar de honra entre os instrumentos de supplicio do inferno."

(HERMANO RIBEIRO DA SILVA: *Nos Sertões do Araguaya*. Narrativa da Expedição ás Glebas Barbaras do Brazil Central. São Paulo, 1935, págs. 70-72.)

CAÇADORES DE CAPIVARA

Divisando ao longe os contornos negros de um estreito capão de matto, para lá dirigimos os passos dos nossos cavallos. Homens e animaes avançavam contentes, na expectativa de merecido repouso, quando, já proximo á orla da floresta, o latido furioso e insistente dos cães nos surpreendeu. A seguir, vultos humanos, com espingardas empunhadas em attitude aggressiva, emergiram da espessura do bosque, dirigindo-nos um imperioso “quem vem lá?”.

Em breve, foram feitas as apresentações no estylo sertanejo e soubemos que os novos amigos, em numero de quatro, eram caçadores de capivara. O que, porém, me surpreendeu bastante, foi ver que os homens estavam de saida, promptos para a caçada. Não resisti á curiosidade e perguntei a um delles, sertanejo côr de bronze, de longos bigodes que lhe caiam ao queixo

como os dos chins, o que iriam caçar áquella hora, si a escuridão nem lhes permittia enxergar a mira das armas.

— “É capivara, moço, o que havêra de sê?” — respondeu, sorrindo ante o meu espanto. E mostrou-me uma lanterna electrica. Isto aqui vale mais que a espingarda. A gente já sabe onde a capivara tem o seu “culêro”. Vae chegando, chegando, bem devagarinho... Quando está perto, accende, de repente a lanterna. Com a luz forte batendo nos olhos, o animal fica como que cêgo, nem se mexe do logar. Pode-se tocar o bicho até com as mãos. Ahi, então, é facil. Si não quizer gastar bala, mata a páu mesmo...

E dando, satisfeito, uma cusparada para o lado, o meu informante seguiu com os companheiros, que já o aguardavam impacientes.

(ERNESTO VINHAIS: *Féras do Pantanal. Aventuras de um reporter em Matto-Grosso*, Rio, 1936, págs. 136-137.)

CAÇADAS EM CANOA

As caçadas a canoa são feitas de maneira assás interessante no norte de Matto-Grosso. As canoas, com os caçadores, contornam os longos capões de matto. Nesses, geralmente menos alagados, são soltos os cachorros. Os pobres animaes pulam á água, grunhindo e latindo desesperadamente, como que chorando. Os focinhos para o ar, farejam nervosamente, até encontrar uma pegada. Então, velozes, partem atraz da caça. Correm, nadam, sempre latindo. Seus gritos vão recrudescendo á proximidade do animal perseguido. As canoas, com os caçadores, os seguem. Não se vê nada, mas os latidos indicam a direcção tomada pelos cachorros. Á frente da matilha corre o "mestre", cachorro treinado, com longa pratica em caçadas. É interessante esse "mestre". Parece, com o seu ar grave, consciente do papel importante que desempe-

nha. Treinado, geralmente, para a caça da onça, dirige os outros cães até que a féra fique acuada. Depois, inteligentemente, fica de lado, a uma distancia onde as garras do felino enfurecido não o possam alcançar, limitando-se a latir, como que incitando a matilha ao ataque. E assim, enquanto os cães novos, menos experientes, se deixam matar imprudentemente, elle só enterra os dentes na onça quando a sabe completamente sem vida. Conhece todas as manhas da féra e, por isso, é de grande utilidade, sinão imprescindível, nessas caçadas.

(ERNESTO VINHAIS: *Féras do Pantanal, aventuras de um reporter em Matto-Grosso*, Rio, 1936, págs. 103-104.)

1944

IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO - BRASIL